O Primeiro Natal de Harry

e outros contos

G. Norman Lippert

Baseado nos personagens e universos de J.K. Rowling

dLivros

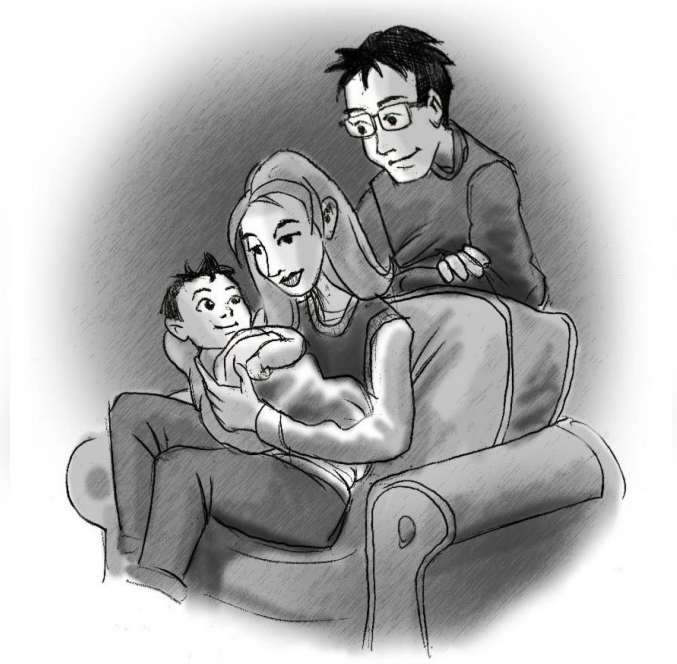
{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

SUMÁRIO

O PRIMEIRO NATAL DE HARRY
Um conto de Natal dos Marotos
O PRESENTE DE MERLIM
Um conto de Natal dos fundadores
FIM A ESCAPADA DE PETRA
Um conto de Natal de Petra Morganstern

O PRIMEIRO NATAL DE HARRY



Um conto de Natal dos Marotos

Por G. Norman Lippert

Dedicado a Tom Grey e suportstacie.net

Tradução de Thayrone Nery
Revisão de Ronald Bautista
Edição final de Josh Baconi
JPIX

— Você tem de admitir — dizia o jovem homem, erguendo seu queixo com aprovação e olhando a rua agitada. — A cidade fica agradável nos feriados.

— Você pode admitir tudo o que quiser — fungou a mulher de cabelo castanho-avermelhado ao lado dele, pisando numa poça escorregadia na calçada. — E mesmo assim não será verdade. Temos que passar um natal nas colinas limítrofes de Berkshire qualquer dia. Nunca me sentirei festiva com homens de neve feitos de isopor pendurados nas antenas de táxis.

— As luzes são ótimas — comentou o homem sem se perturbar — E o empurra-empurra. É como se estivéssemos no Pólo Norte e todas as pessoas ao redor fossem os elfos do Papai Noel.

— Já conheci elfos demais para saber que também não são tão festivos assim, Tiago — ela abaixou seu chapéu de lã à altura das sobrancelhas e estremeceu. — E como pode estar tão frio sem ao menos nevar?

O homem sorriu e a empurrou alegremente com o quadril.

— Ora, vamos, Lil. É a primeira vez que estamos fora de casa sozinhos em meses. Pode não ser uma viagem de trenó encantada por um país das maravilhas invernal, mas ainda é Natal. E alguém que eu conheço vai definitivamente adorar o que está nesta sacola aqui. — Ele ergueu uma pequena sacola branca com as palavras Doce Capricho, Beco Diagonal, impressas em letras vermelho-escuro. — A mulher mostrou um sorriso torto e arrebatou a sacola de suas mãos.

— Ele é muito novo para saber o que são meias. Tudo o que ele saberá é que eles manterão seus dedinhos aquecidos à noite.

— Não estava falando dele — o homem, Tiago, respondeu calmamente, colocando seus braços ao redor da mulher, Lílian, e aconchegando-a entre seus braços

enquanto caminhavam. Ela suspirou levemente e se deixou abraçar por ele.

— Eu o adoro, não importa o que ele use. Mas verde realçará os olhos dele, não acha?

Tiago revirou os olhos de maneira teatral.

— Eu já achava isso nas três vezes que você perguntou lá na loja. Ainda não mudei de opinião, mas eu poderia se me perguntar mais uma vez.

— Não dói se você ceder aos meus desejos, pelo menos enquanto ainda temos só um. Espere até termos a casa cheia.

— Como aquela família lá na parte de liquidação da Doce Capricho? — respondeu Tiago com astúcia. — Nem brinque com essas coisas. Nunca vi tanto cabelo ruivo em toda minha vida. E tenho certeza de que uma daquelas “crianças encantadoras” tentou enfiar furtivamente uma bomba fedorenta da Zonko's no bolso do meu casaco. E o pestinha não podia ter mais de oito anos.

— Ah, mas você viu os gêmeos? Agora, isso seria mesmo ótimo, não seria?

— Agora você só está me provocando. Vamos praticar com um bebê por enquanto, e então vamos pensar em ter mais de uma dúzia. Tudo bem?

Lílian não respondeu. Ela deixou que a sacola pendesse ao seu lado enquanto caminhavam, os olhos pensativos. Tiago a olhou de lado.

— Você não está preocupada ainda, está? — perguntou ele em voz baixa.

Lílian balançou a cabeça levemente, não exatamente em negação, e deu de ombros. Ela suspirou de modo superficial e disse:

— Como não posso estar?

Tiago soltou um longo suspiro enquanto paravam numa interseção lotada. Um ônibus coberto de sujeira zumbiu ali perto, deixando uma nuvem de escapamento

para trás. Tiago se virou para olhar sua mulher.

— Você ouviu o diretor, Lil. Mesmo que essa profecia seja real, estamos perfeitamente seguros. Como ele disse, se alguma vez for necessário, podemos esconder a casa, escolher um Fiel do Segredo e ficar quietos até o perigo passar. Se você não consegue confiar no velho Dumbledore para saber do que ele está falando, bem...

Lílian olhou bem nos olhos de Tiago, procurando-os, a sobrancelha franzida bem levemente.

Após um momento, desviou o olhar.

— Vamos — disse ela, puxando-o pela mão e afastando-se do meio-fio.

Eles cruzaram a rua e caminharam em silêncio por algum tempo. A multidão trouxa se movia por eles como um rio em torno de uma rocha; tensa e carrancuda, carregando pacotes e chamando táxis. Lílian olhou para as janelas dos apartamentos acima da rua movimentada. Ela conhecia aquela área relativamente bem, apesar de seu declarado desgosto pela cidade. Uma de suas melhores amigas da escola, Anastácia Troika, agora morava num prédio de três andares sem elevador do outro lado da rua. Lílian analisou a construção e rapidamente achou a janela do apartamento de Tácia; luzes coloridas tremeluziam atrás das cortinas entrelaçadas. Pedestres trouxas que passavam pela rua presumiriam que as luzes eram de uma televisão, mas Lílian sabia das coisas. Tácia gostava de decorar sua árvore de Natal com passarinhos brilhantes russos e vivos, suas asas diminutas relampejantes iluminavam a árvore enquanto faziam seus pequenos ninhos impecáveis nos galhos. Lílian havia ajudado-a a erguer uma árvore igual no dormitório feminino da Grifinória durante o terceiro ano, até Dumbledore mencionar que as asas cintilantes e coloridas e o canto ressonante dos pássaros estavam se

mostrando um incômodo bem grande para as garotas que tentavam dormir por perto. Lílian sempre suspeitara que houvesse sido Cristiana Corsica quem havia reclamado para Dumbledore, e não porque os pássaros a mantinham acordada à noite. Cristiana era simplesmente asquerosa e fútil, e tendia a odiar tudo que poderia ser considerado mais bonito que ela mesma. Ao menos essa era a sólida convicção de Lílian, se não fosse um fato admitido. De maneira bem estranha, Cristiana vivia agora numa cobertura na próxima esquina, junto com seu horripilante irmão gêmeo, Cristóvão. Nenhum dos dois trabalhava, até onde os antigos amigos de escola de Lílian sabiam, mas a família Corsica era próspera, e todos presumiam que a cobertura era sustentada para os gêmeos pelo seu pai solitário.

Enquanto caminhava ao lado de Tiago, Lílian ficou a ponderar quantas outras janelas acima pertenciam a famílias bruxas, ou quantas daquelas lojas na rua movimentada eram secretamente administradas por bruxos e bruxas. O Beco Diagonal e suas adjacências secretas eram bem vastas, e agora Lílian sabia que muitas das lojas que estavam tecnicamente fora do distrito mágico escondido, também mantinham salas secretas nos fundos e escritórios nos andares de cima, abastecendo milhares de companheiros mágicos que viajavam pela área a cada dia; “a Fuga do Beco Diagonal”, como seu pai sempre havia chamado carinhosamente. Algumas das lojas mágicas vendiam apenas culinária mágica barata e bugigangas, como o apavorante relógio de cuco que Tiago comprara no ano anterior, mas algumas delas negociavam serviços muito mais sombrios. Sem motivo algum, Lílian pensou novamente nos Corsica e sua misteriosa cobertura. Seria possível que eles, de fato, se envolviam em algum tipo de negócio, usando sua casa convenientemente

localizada como local de encontros? Lílian sacudiu a cabeça, um sorriso um pouco torto nos lábios. O fato de você não gostar dela, pensou para si mesmo,

não lhe dá uma desculpa para imaginar que ela encabeça algum tipo de conspiração maligna.

Ela decidiu não falar de suas meditações para Tiago. Ele odiara abertamente o irmão lufano de Cristiana, Cristóvão, e era provável que o pobre palerma seria condenado mentalmente e sentenciado a Azkaban antes mesmo de eles chegarem à frente de sua porta em Godric's Hollow.

Quando os dois se aproximavam da próxima esquina, um papai Noel magérrimo e de aparência infeliz tocava um sino e enaltecendo qualquer um que ouvisse sobre os espetaculares negócios que podiam ser feitos na loja atrás dele. Quando Tiago e Lílian passaram por ele, Tiago a pegou pelo cotovelo e puxou-a fortemente para a esquina, dirigindo-se para uma estreita rua lateral.

— Onde estamos indo? — perguntou Lílian, franzindo a testa para seu esposo.

— Não quero lhe alarmar, amor, então nós vamos caminhar um pouco mais depressa e ficar de olhos bem abertos.

— Do que raios você está falando?

— Não tenho certeza, mas já fui espião bastante tempo para reconhecer espionagem. Acho que alguém está nos seguindo.

Lílian respirou profundamente, mas Tiago falou antes que ela pudesse dar voz ao seu medo.

— Não se preocupe, Lil, seja quem for, não é mais velho que nós, e não há ninguém melhor para seguir as pessoas do que eu e o Almofadinhas. Eu o notei quando paramos numa esquina um quarteirão atrás. Ele se virou e encarou a vitrine de uma sapataria como se estivesse tentando contar botas.

— Então nós deveríamos desaparatar de volta pra casa — sussurrou Lílian em tom de urgência. — Por que nós estamos trazendo-o para uma rua escura?

— Porque — respondeu Tiago calmamente, olhando de soslaio para ver seus reflexos na janela de uma loja. — eu quero ver quem ele é.

— Não, Tiago! — sussurrou Lílian, erguendo os olhos para ele. — Isso é maluquice!

— Fique atrás de mim — disse Tiago, e Lílian já estava irritada para perceber que seu marido estava se divertindo. Ele se virou uma vez mais e, repentinamente, puxou Lílian para um beco sem saída e bem estreito. Instantaneamente, ele a puxou para o lado, subindo uma série de degraus numa entrada escura. Ele se pôs na frente dela, a varinha sobressaindo subitamente de sua mão. Com habilidade, ele a girava entre os dedos — um truque que ele e Sirius haviam praticado por quase todo o quinto ano escolar, acreditando que isso os faria parecerem elegantes e travessos. Lílian revirou os olhos.

Passos ressoavam na calçada fora do beco e uma sombra apareceu. Um momento depois, uma forma correu pela esquina e para dentro do beco. A figura era magra e vestia uma longa capa preta. O capuz havia sido abaixado, revelando cabelos negros e um nariz comprido. Lílian reconheceu a figura imediatamente e então respirou fundo para gritar, mas Tiago foi mais rápido. Ele saltou os degraus, bloqueando a entrada do beco e levantando sua varinha.

— Levicorpus — ordenou ele, mas sua voz foi abafada pela do recém-chegado, que foi, por uma fração de segundo, mais rápido com o seu feitiço de desarmamento. Houve um clarão e a varinha de Tiago pulou de sua mão, caindo ressoante numa pilha de latas velhas no fundo do beco.

— De fato, Potter — falou a voz arrastada do recém-chegado — Você deveria tentar aprender alguns

feitiços.

— Severo! — gritou Lílian, passando por Tiago e ficando entre os dois. — O que você está fazendo?

— Não é o que você provavelmente esteja pensando, Evans. Aquilo já passou. E, portanto não preciso me explicar.

— Você estava nos seguindo — declarou Tiago, aproximando-se de sua esposa. — Não é exatamente uma conduta que alguém esperaria do próximo Mestre das Poções em Hogwarts.

— E andar sem proteção por movimentadas ruas urbanas não é exatamente o que alguém poderia esperar de duas pessoas que foram alertadas de um possível ataque.

Tiago semicerrou os olhos.

— Como é que você sabe disso?

Snape suspirou dramaticamente.

— Para um grifinório, você é um homem notavelmente desconfiado, Potter. De fato, como o novo professor de poções, fui solicitado para certas confidências. Deixemos como está.

— Lílian estudou os olhos de Snape.

— Mas, Severo, por que estava nos seguindo?

O olhar de Severo encontrou o de Lílian por um segundo e então ele o desviou, abaixando a varinha. Pareceu lutar contra si mesmo por um momento, e depois gesticulou para Tiago, olhando-o furiosamente.

— Porque, Evans, este homem com quem você se juntou é muito arrogante e tolo a ponto de pensar que ninguém possa tocá-lo. Ele não pode protegê-la. E se ele não vai cumprir tal tarefa, então alguém deve cumprir.

— Já chega — disse Tiago tranqüilamente. — Já ouvi o bastante. Vamos, Lil.

— Severo — disse Lílian serenamente, dando um passo para se aproximar da figura negra. — O que você sabe a respeito? Você sabe mais do que deixa

transparecer, não sabe? Posso ver isso.

— Lil, você não pode confiar nele — disse Tiago, puxando-a pelo braço. — Pelo que todos nós sabemos, ele está nessa até o pescoço com nossos inimigos.

Snape desviou o olhar de novo.

— Vão — disse ele de forma vazia. — Quanto mais vocês ficarem aqui, mais perigoso é. Tiago se virou para Lílian, encontrando seus olhos.

— Espere aqui. Já volto.

Ela assentiu levemente, as sobrancelhas franzidas. Tiago ergueu o olhar para Snape, mas o homem de cabelos negros ainda olhava para longe, recusando-se a encontrar o olhar de Tiago, o qual balançou a cabeça em desgosto e passou por ele de maneira arrogante, dirigindo-se ao monte de latas ao fundo do beco. Enquanto procurava sua varinha, ele pôde ouvir Lílian e Severo conversar em voz baixa. Sem dúvida, era um estúpido sujo, mas apesar de tudo, Tiago tinha certeza de que ele era inofensivo. Tiago praguejou enquanto se abaixava para procurar sua varinha dentre as latas enferrujadas no meio de todo aquele lixo. Por fim, achou-a jogada a um canto sobre um jornal mofado. Ele a pegou e a limpou em suas calças enquanto caminhava de volta para a entrada do beco. Ele parou subitamente e olhou para cima, examinado os prédios de cada lado. Lentamente, virou e dirigiu seu olhar para os fundos sem saída do beco. Um sorriso surgiu em seu rosto.

— Eu sabia que esse beco parecia familiar — disse para si mesmo. Ele tinha de contar para Sirius assim que voltasse para casa. Quanto tempo tinha passado desde aquela noite fatídica? Quatro, cinco anos? Impossível. Provavelmente, Sirius riria e perguntaria se as marcas de sua moto ainda eram visíveis no pavimento. Remo, contudo, não ficaria satisfeito. Ele era do tipo supersticioso; é provável que fosse devido à sua

“maldição”, como ele mesmo dizia. Ser encurralado no mesmo beco pela polícia trouxa uma vez e na outra pelo Ranhoso, era um tipo de coincidência cósmica que Remo acharia “um mau presságio”. Tiago decidiu que lhe contaria mesmo assim.

— Vamos, Lil — disse ele, aproximando-se dela e dando as costas para Snape. — Os outros estarão esperando. Da última vez que deixamos o bebê com o Remo e Pettigrew, eles tentaram alimentá-lo com uma tigela de feijõezinhos de todos os sabores amassados.

— Tiago — disse Lílian calmamente, os olhos ainda em Snape. — Severo não tem nenhum lugar para ir no Natal.

Tiago parou e a olhou.

— Você não pode estar falando sério — resmungou ele. — Realmente não está.

— Eu estou, seu grosso. E sei que você fará a coisa certa.

Tiago respirou fundo e olhou por sobre o ombro. Snape havia guardado sua varinha no bolso e levantado seu capuz novamente. Enquanto Tiago observava, Snape passou por ele, dirigindo-se à rua.

— Ei, Severo — chamou Tiago, esforçando-se para manter sua voz calma. — Er, me desculpe por tentar azará-lo. Talvez você só estivesse mesmo tentando ajudar. Talvez você me deixe recompensar vindo jantar hoje à noite na nossa casa, certo? Lil preparou um pato, e Sirius, Remo e Pedro estarão lá. Será como nos velhos tempos.

— Velhos tempos — zombou Snape, sem se virar propriamente. Ele suspirou. — Você realmente não sabe contra quem está lutando, não é? Você me convidaria para ir à sua casa, para mostrar exatamente onde vive, apesar de tudo que o diretor disse. Estou certo?

— Bem — respondeu Tiago, o semblante levemente sombrio. — se você está tentando me dizer

que não é confiável afinal.

— Estou tentando dizer que ninguém é confiável, Potter. Não agora. Você tem a Dumbledore, e você tem a sua rodinha. Vamos esperar que tenha escolhido bem seus amigos, embora tenha minhas dúvidas. Mas você deve entender que aqueles que lhe procuram não vão parar por nada. Eles não pensarão duas vezes em assassinar ou torturar. Até você compreender o perigo em que está, irá continuar facilitando para aqueles que anseiam para destruí-lo. Este pode ser o seu último aviso.

— Como você sabe tanto? — disse Tiago, semicerrando os olhos e saindo para a rua para encarar Snape. — Dumbledore não disse nada sobre assassinato. Ele só nos falou de uma profecia que poderia causar n'Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado, e em seus desprezíveis partidários, interesse no nosso filho, e nos advertiu que vigiássemos e ficássemos atentos. Ele disse que nos avisaria se o perigo se tornasse muito grave. Por que deveríamos acreditar em você?

— Onde você acha que o diretor obtém as pequenas informações que ele tem, Potter? — sibilou Snape repentinamente, movendo-se na direção de Tiago a ponto de estarem praticamente nariz a nariz na obscuridade. — Estes são tempos terríveis, tempos que exigem os tipos de riscos e sacrifícios que uma pessoa como você nunca poderia compreender. Alguns de nós estamos propensos a nos aventurar nas sombras em nome de ingratos como você. Alguns de nós estamos propensos a tomar para nós as responsabilidades das quais outros se esquivam. E por que fazemos isto? Bem... — Snape balbuciou, olhando de lado para Lílian, que estava observando com os olhos bem abertos. Ele deu um passo para trás e se afastou. — Isso dificilmente importa. O que importa é que você preste atenção às advertências que recebeu, Potter. Tudo o que importa é

que você entenda o que está enfrentando. Depois disso, seu destino está em suas mãos.

Tiago estudou o outro homem, os olhos ainda semicerrados. Finalmente, recuou e pegou Lílian pelo cotovelo.

— Feliz Natal para você também, Severo — disse ele.

Um momento depois, um longo estalo ecoou por toda a extensão do beco deserto. Snape levantou os olhos e viu que Tiago e Lílian haviam partido, desaparatando de volta para casa. Descuidada e negligentemente, mas Severo não estava surpreso. Ele balançou sua cabeça muito lentamente, furioso e confuso com os contrariados sentimentos que lutavam em seu coração. Ele havia se arriscado muito ao segui-los, vigiando por eles, mas não conseguia ver como ajudar a si mesmo. Talvez esta fosse a hora para outra conversa com o diretor. Não agora, mas em breve. Não contaria tudo a Dumbledore; apenas o suficiente para proteger Lílian. Deixaria que os Comensais da Morte ficassem com Tiago, mas não ela. Era arriscado, mas Snape estava bastante acostumando a correr riscos. O que de pior poderia acontecer? Caso fosse descoberto, o Lorde das Trevas iria simplesmente matá-lo. De algum jeito, pensou Snape, isso poderia ser até um alívio.

— Pensando nisso, ele virou-se e começou a andar de volta pela rua, indo a lugar nenhum em particular.

— Tampouco havia neve em Godric’s Hollow.

— Pedro Pettigrew ouviu o alarme soar na cozinha e sobressaltou-se, quase deixando cair o livro que estivera folheando.

— Sua vez, Rabicho — disse Remo — eu reguei a coisa da última vez. Melhor ir logo lá antes que aquele maldito relógio dispare outra vez e acorde o bebê.

— Já estou indo — resmungou Pettigrew, levantando-se e atravessando a sala. Estava muito

quente na casa, especialmente na cozinha, e isto o fazia ficar irritado. Desde que havia aperfeiçoado suas habilidades de animago, vinha achando aquelas temperaturas domésticas normais sempre asfixiantes. Em sua forma de rato, ele ansiava pelas passagens frescas entre as paredes, os cantos bolorentos do porão, a liberdade nas escapulidas pelos sótãos frios. Pettigrew jamais admitira isso para alguém, mas sua personalidade roedora parecia ter se transferido para sua forma humana. Algum dia ele se transformaria em um rato e ficaria assim para sempre, pensou ele. A vida era fácil como um rato. Sem aquelas competições e invejas do mundo humano. Apenas dormir e comer, correr e guinchar.

Na cozinha, ele abriu o forno e olhou o enorme e dourado pássaro. Parecia pronto para ele, mas o que ele sabia? Tentou lembrar o que Lílian havia dito antes de sair, mas ela havia dito tanto que fora fácil ignorá-la. Era para ele virar o pássaro e trocar o bebê, ou o contrário?

Acima do fogão, um relógio de cuco bateu de repente, soando o alarme que havia perturbado Pettigrew quando ainda estava na sala. O cuco saltou para fora das portinhas, sacudindo-se no ar em frente ao rosto de Pettigrew. As asas de madeira se abriram e a cabeça se levantou abrindo o bico.

— Pato assado ao molho de laranja! — cantarolou o cuco. — Deixado para cozinhar por vinte minutos. Hora de regar! Hora de regar! Ninguém gosta de aves secas!

— E quanto a cuco frito num instante? — rosnou Pettigrew, tirando sua varinha.

O cuco inclinou sua cabeça para Pettigrew.

— Não precisa se irritar por isso — censurou o pássaro e então se retraiu de volta para sua casa, fechando as portas antes que Pettigrew pudesse responder.

Pettigrew regou a ave de uma forma pouco desajeitada, sem exatamente saber como manusear o esquisito dispositivo tubular com bulbo de borracha na extremidade. Maldita cozinha trouxa. Tiago havia jurado atualizar o lugar quando ele e Lílian se mudaram para ali, mas ele estava tão ocupado com o bebê, Lílian e sua vidinha agradável no meio do nada. Pettigrew odiava a área rural. Ele crescera em Londres, e amara cada segundo disso. Também crescera bem próspero. Não rico, claro, se comparado a

Sirius, mas ao menos tinham uma cozinha mágica digna. Ele fechou tampa do fogão com um pouco de força.

Remo gritou da sala:

— O pato está dando uma de difícil aí?

— Desculpe — Pettigrew gritou de volta rapidamente. — Escorregou. Meus dedos ficaram oleosos com essa coisa de regar.

— Bem, vá com calma. Se você acordar o bebê, haverá fraldas para se trocar.

— Tudo bem, Remo.

Ali na cozinha, Pettigrew fumegou. Estava bastante irritado estes dias e, realmente, não sabia a razão. Remo, Sirius e Tiago eram seus melhores amigos e, cada vez mais freqüentemente, ele se encontrava preferindo retrucar o que diziam a rir com eles. Ele não retrucava, claro, mas aquilo só tornava as coisas piores. A lisonjeira aceitação que ele ouvia em sua própria voz o enojava. Cale a boca, Remo, ele queria gritar. Não me dê ordens. O que você sabe? Sentado aí metido a santinho e cheio de si. Quem é o lobisomem daqui? Eu? Não, sou aquele que passou anos aprendendo como atingir minha forma animaga para segui-lo quando você se transformasse, mantendo-o a salvo do mundo, e o mundo a salvo de você. E é assim que você demonstra gratidão? Dando-me ordens como se eu fosse algum tipo de elfo

doméstico doente mental?

Pettigrew foi até a janela da cozinha, olhando através do seu próprio reflexo para a lua além das longas e esguias árvores. Ele suspirou, acalmando-se. Aquilo com certeza não era o que Remo pensava. Remo havia se mostrado grato muitas vezes. Todos eles tratavam Pettigrew muito bem na maioria das vezes, não tratavam? Na janela, seu reflexo assentiu lentamente. Mas Pettigrew conhecia a verdade. Nenhum deles admitia, mas todos sabiam que ele era o patinho feio do grupo. Ele nunca era tão confiante e despreocupado como eles. Tentara tanto ser como eles, encarar a vida como eles encaravam, a cara a tapas, com aquele brilho nos olhos, sem nunca olhar para trás. Contudo, no fundo do coração, Pettigrew sabia que o que era bravura neles, era fingimento nele. Que o que era nobreza em Tiago, Sirius e Remo era covardia nele. E sabendo disto, o maior temor de Pettigrew era que os outros um dia vissem o que ele realmente era: um rato em forma humana, e não de outro jeito.

Uma semana antes, Sirius havia tido uma conversa particular com Pettigrew. Ele andara pilotando aquela motocicleta ridícula e oferecido uma volta a Pettigrew, para poderem conversar a sós. Pettigrew tinha medo da moto, e seu medo o fizera odiá-la. Ele havia gaguejado algo sobre precisar voltar a seu apartamento, e Sirius havia dito que isso era insignificante, com aquela facilidade descuidada e sem esforço, como se o mundo inteiro pudesse se curvar com apenas um mero gesto de sua mão. E talvez, havia pensado Pettigrew invejosamente, para Sirius aquilo fosse mesmo verdade.

— Em algum momento no futuro, Tiago e Lílian vão precisar de um Fiel do Segredo — dissera Sirius tranqüilamente, montando em sua moto e olhando para a avenida à frente. — Eu estava pensando quem poderia

ser o melhor para este serviço, Rabicho. E estava pensando em sugerir que fosse você. O que acha?

Pettigrew sabia que a maioria das pessoas ficaria elogiada com tal sugestão. Era uma grande honra, não era? Mas Pettigrew não se sentiu honrado. Ele sentiu raiva e vergonha. Sirius não estava lhe pedindo porque ele era a pessoa mais confiável ou honorável. Aquilo era uma piada. Sirius o estava lhe sugerindo, Rabicho, porque todo mundo sabia que ele era inofensivo. Outros poderiam até ter a força ou a audácia ou até mesmo estômago para trair, mas não Pettigrew. Ele era um rato afinal, e um rato bem gordo por sinal. Pettigrew seria um bom Fiel do Segredo não porque era o mais indicado, mas porque era o mais fraco e tímido de todos. Não trairia os Potter porque, simplesmente, não teria estômago para isso.

Na semana anterior houve lua cheia e, como sempre, os quatro haviam se transformado juntos e escapulido pelo jardim em direção ao bosque próximo: Remo, o lobo; Tiago, o veado; Sirius, o cão; e ficando para trás, correndo apressado para se manter junto a eles, como de costume, Pettigrew, o rato. No momento em que adentraram os limites do bosque, Rabicho se havia ficado mais distante que de costume. Talvez os outros estivessem indo mais rápido, importando-se menos em esperar pelo rato, ou talvez o próprio Rabicho houvesse simplesmente abandonado a caçada. Talvez — mesmo se fosse verdade, o próprio Rabicho não estava muito ciente disto — ele havia simplesmente ficado para trás para ver se os outros perceberiam sua ausência. Se aquela havia sido sua motivação, então ficara gravemente desapontado; em segundos, o som do trotar de seus amigos havia se perdido totalmente no denso coro da noite.

Mas Rabicho não havia sido completamente ignorado. Alguém, de fato, o havia encontrado.

Na cozinha, fitando seu próprio reflexo, Pettigrew mal podia lembrar daquilo. Suas lembranças das vezes em que era um rato eram vagas, mas esta lembrança distinta parecia ter sido propositadamente obscurecida, ou talvez até tivesse sido obliviada. Ela circulava por sua cabeça como um enxame de mosquitos inquietos. Havia homens lá, todos de preto, movendo-se secretamente pela floresta, procurando por algo. Um deles havia encontrado Rabicho, reconheceu-o pelo que era, e então lhe atacaram com avidez. Rabicho ficara aterrorizado; estava prestes a ser assassinado, e em sua forma de rato. Mas, então, uma das figuras havia falado para ele, suave e delicadamente. Como rato, Rabicho tinha de se concentrar para capturar o significado das palavras, mas as entendeu o suficiente para saber uma coisa: aquele homem era maligno, talvez com o pior tipo de perversidade imaginável. E mesmo assim, tentadoramente, aquele homem parecia ter visto algo valioso em Rabicho.

— Você é desprezado, não? — sussurrou a voz sedosa para o rato. — Posso ver. Posso sentir. Seus "amigos", eles não enxergam o seu verdadeiro potencial. Ah, mas eu sim. Sim, eu lhe vejo pelo que realmente é, meu amigo. Posso usar um bruxo como você. Você procurará por mim, e eu vou lhe ajudar a alcançar a grandeza. Você, meu amigo roedor, pode se provar muito mais importante do que qualquer um de seus "amigos" jamais imaginou. Você deseja isto, não deseja? Sim... sim, você deseja... mais que tudo... mais que qualquer coisa...

— Torture-o — sugeriu uma das formas. — Faça-o nos mostrar agora, hoje à noite. Sabemos que eles vivem nas redondezas.

— Muito precipitado — repreendeu a voz sedosa, sorrindo — Muito voraz, Lúcio, e mesmo assim tão desajeitado. Você carece de sutileza. Este pode ser mais

útil do que você pensa. Com ele, observaremos... e esperaremos.

As palavras enlouqueceram Rabicho, como uma comichão no meio do cérebro. Elas o aterrorizaram, e ele achava que seria assassinado mesmo assim. Mas então, repentinamente, as figuras se foram, desapareceram em redemoinhos de fumaça negra, abandonando a busca, suspendendo-a.

Pettigrew pensava saber quem eram aquelas figuras no bosque. Pensava saber o que eles andavam procurando. Ele nunca buscaria por aquela voz horrível, era claro. Nunca. Apesar de tudo, Pettigrew nunca iria - nunca poderia - trair seus amigos.

Mas Rabicho, por outro lado...

Naquele momento, a porta da frente se abriu, deixando uma brisa fria entrar no pequeno chalé. Junto com ela, veio a voz de Lílian.

— Ele só é incompreendido, Tiago — dizia ela. — E talvez esteja certo ao seu respeito. Você está sendo desconfiado demais.

— Quem é incompreendido? — disse Remo, fechando o livro e olhando para eles.

— Nos deparamos com o Ranhoso lá no Beco Diagonal. Contarei tudo pra vocês quando

Almofadinhas voltar. Quero ver a cara de vocês dois ao mesmo tempo quando eu contar o que ele disse.

A propósito, aonde é que ele está?

— Foi dar uma volta pelos quintais da rua — respondeu Remo, revirando os olhos. — Ele não é muito de ler, sabe. Ele começou a ficar inquieto uma hora depois que vocês saíram, mas acho que ele já está para voltar.

— E o pato? — perguntou Lílian, dirigindo-se para a cozinha e passando por Pettigrew ao este aparecer.

— Pergunte para o cuco se quiser ter certeza — respondeu ele — mas eu diria que podemos comê-lo a

qualquer hora.

— Ó, alguém sabe que vocês chegaram — disse Remo, levantando-se.

— Ele deve ter ouvido a porta — disse Tiago, olhando de relance para a estreita escada em direção ao som vigoroso do choro de um bebê.

— Vou pegá-lo — anunciou Lílian, reaparecendo na porta da cozinha.

— Ah, não vai não — disse Tiago, subindo apressadamente as escadas. — Ele precisa ser trocado antes, e isto é para o papai aqui. Você vai tirar aquela galinha do forno e só então o bebê é seu. Remo sorriu.

— Que pai exemplar.

— Ah, se fôssemos trouxas, ele iria trocar uma fralda tanto quanto assistir uma ópera do início ao fim — disse Lílian, revirando os olhos e sacando sua varinha. — Hagrid nos deu um daqueles modernos kits de limpeza de fraldas em forma de octocrodilo, e ambos gargalham como gaivotas toda vez que o aparelho devolve a fralda limpa e quente pela boca.

— Parece divertido — comentou Pettigrew, caindo no sofá.

— Precisa de ajuda ai? — bradou Remo, aproximando-se da entrada da cozinha.

— Acho que posso fazer um pato levitar do... não, espere!

Houve o som de uma porta sendo escancarada e o ruído de patas no telhado. Remo saiu do caminho habilmente quando uma figura negra passou disparada por ele, irrompendo pela sala e subindo as escadas, deixando um rastro de ar frio para trás.

— Sirius! — gritou Lílian furiosamente. — Você quase me fez soltar... e olha a bagunça nojenta que você deixou o chão da minha cozinha!

— Eu cuido disso — disse Remo, reprimindo um riso. Ele retirou sua varinha e adentrou a cozinha.

Pettigrew continuava sentado no sofá, escutando os sons da casa; Remo e Lílian conversando na cozinha, Sirius e Tiago rindo lá em cima. Um minuto depois, os dois homens desceram, Sirius na dianteira, vestindo calças pretas e uma justa camiseta preta com a palavra STYX estampada inexplicavelmente na frente em letras brancas, e Tiago com o bebê em seus braços.

— Falando em presentes — disse Sirius, — eu deixei um no quintal da sua vizinha.

— Sirius! — repreendeu Lílian da cozinha outra vez.

— O quê? Foi um gnomo de jardim! Claro que não um de verdade. Só uma daquelas estátuas pequenas. Achei que ela gostava deste tipo de coisa.

— Se você continuar a fazer estas traquinagens, não vou deixar que tenha uma muda de roupa aqui em casa — bradou Lílian, apenas ligeiramente aliviada.

— Era um gnomo bem bacana, também — murmurou Sirius, inclinando-se para Tiago. — Comprei daquele sujeito repugnante no final da rua.

— Limpinho e feliz — disse Tiago, colocando o bebê nos braços de Pettigrew e se atirando numa cadeira ali perto. Pettigrew pegou o bebê de maneira desengonçada e tentou sorrir para ele. Em seu abraço grosseiro, o bebê se contorcia e o fitava. Muito lentamente, a pequena figura lambia os lábios e agarrava com força o dedo mindinho de Pettigrew com sua mão diminuta.

— Aqui está ele — falou Lílian com ternura ao reaparecer pela porta da cozinha enxugando suas mãos numa toalha de louça. — Aqui está o meu pequeno Harry. Seus tios foram legais com você?

— Tão legais quanto um lindo bebê adormecido precisa — disse Remo, juntando-se a Lílian e olhando para o fardo nos braços de Pettigrew. Pettigrew ergueu o olhar para eles e sorriu timidamente.

— Todos dizem que ele tem os olhos da Lil — comentou Tiago, sorrindo para seu filho. — mas o resto de sua boa aparência vem puramente dos Potter.

— Não sei não — disse Sirius, sentando-se no sofá ao lado de Pettigrew e se inclinando para o bebê. — Ele é um pouco comum. Precisa de uma coisinha. Uma marca de nascimento, ou uma tatuagem, como seu padrinho, Sirius. Algo característico.

— Fique quieto — disse Lílian, arrebatando o bebê e abraçando-o carinhosamente. — Ele é perfeito dos pés à cabeça. Não é? Você é, é sim. Meu perfeito Harryzinho. Está com fome, hein?

Harry emitiu um alegre som infantil e se estirou nos braços de sua mãe. Ele era muito jovem para saber, mas estava contente. Estava tudo bem com o mundo. Tudo ao redor dele eram rostos reconfortantes e sons amorosos. O chalé que era o seu mundo estava maravilhoso e aquecido, e seu estômago estava prestes a se encher. O tempo não significava nada para um bebê tão pequeno, e aquilo era bom. Tudo que importava era o momento, e o momento enquanto durava, antes do mundo mudar mais uma vez, era absolutamente perfeito. Até onde o bebê Harry se importava, o momento podia durar para sempre.

Enquanto Lílian alimentava seu filho e o pato esfriava em cima do fogão da cozinha, esperando, como era uma tradição, pois Remo o cortava, ela se afundou em lembranças durante o anoitecer. Era, de fato, difícil não se preocupar. Por mais inimaginável que fosse, havia pessoas lá fora, lideradas pelo horrível Lorde das Trevas, que aparentemente representava perigo para seu bebezinho perfeito. Com a ajuda da Ordem, eles haviam posto feitiços de desilusão no chalé, mas estavam longe da perfeição. Em pouco tempo teriam de tomar medidas mais drásticas, ou Lílian acharia difícil dormir à noite. Assim, apesar do desdém de Tiago pelo

pobre e incompreendido Severo, ela estava secretamente alegre de que ele lhes estivesse vigiando. Ele era um homem confuso e infeliz, e Lílian se sentia mal com tudo que havia (e que não havia) acontecido entre eles, mas ela confiava nele. Não importava com o que ou com quem ele estava envolvido — e Lílian não queria mesmo conhecer os detalhes de tais envolvimentos — ela sabia que ele jamais permitiria que nada de terrível acontecesse com ela ou com seu filho.

— Se você realmente se importa comigo — sussurrara ela para ele no beco, enquanto Tiago havia se afastado para procurar sua varinha. — então se lembrará disto.

E ela abrira a sacola branca e retirou um pijama minúsculo. Ela o ergueu para Severo como se quisesse que ele os tocasse. Ele não o fizera.

— Você se lembrará que é com isto que eu mais me importo no mundo — sussurrara ela, estudando seu rosto e seus olhos negros. — Você pode odiar as escolhas que fiz, mas não odeie o que eu amo. Use o que sabe para protegê-lo. Você não me deve nada, mas se você alguma vez se preocupou mesmo comigo, transfira essa preocupação para ele. Ele pode precisar mais do que eu jamais precisei. Por favor, Severo.

Severo não respondera, mas não precisava. Lílian colocara os pequenos pijamas de volta na sacola ao ver Tiago retornar, e Severo observara com os olhos inescrutáveis. Ele não era perfeito, mas se importava, mesmo que odiasse a si mesmo por fazer isso.

Severo faria o que pudesse. Podia ser um pequeno conforto, mas, por enquanto, era o bastante.

O bebê Harry sorria de alegria para sua mãe, feliz e satisfeito. Era seu primeiro Natal, e era ótimo.

Lá fora, silenciosa e perfeitamente, a neve começou a cair.

FIM

O PRESENTE DE MERLIM

Um conto de Natal dos fundadores

Por G. Norman Lippert

Dedicado a todos os meus amigos do Fórum
Grotto Keep

Tradução e edição final de Josh Baconi
Revisão de Thayrone Nery e Ronald Bautista
JPIX

Quatro figuras, dois homens e duas mulheres, entraram apressados no Salão Principal, movendo-se entre a multidão de estudantes desordenados que estavam reunidos em torno das longas mesas.— Parece-me que esta época chega mais cedo a cada ano, não? — proclamou o homem robusto com um inconfundível cavanhaque. — É de se acreditar que os experimentos com o tempo de certa bruxa tiveram resultados bem desastrosos.

— Tu verdadeiramente não planejas dar este assunto por acabado, Godrico? — perguntou a mulher de cabelos negros que usava vestes azuis flutuantes, sorrindo parcamente. — Eu realmente planejo aperfeiçoar tal instrumento um dia. E tu decerto serás o primeiro a me agradecer quando eu o fizer.

A mulher de cabelos ruivos trançados que mais parecia uma estátua perguntou:

— Como estavas planejando nomeá-lo, Rowena? Escapou-me da memória.

— Creio que o termo “vira-tempo” foi sugerido. — interrompeu o bruxo calvo de aparência severa, com um ligeiro sorriso de desdém. — O qual eu desaprovei fortemente por considerar um completo absurdo. Nada “vira” o tempo.

A mulher de cabelos negros, Rowena Ravenclaw, irritou-se:

— Não é uma questão de como o dispositivo afeta o tempo, Salazar. Esta é simplesmente a descrição de como o instrumento é operado. Simples giros do elemento efetivamente encantado...

— Se não estou errado — comentou Godrico Gryffindor pacificamente, pousando sua mão sobre o ombro de Ravenclaw enquanto eles subiam o estrado em direção à mesa principal. — Há uma tradição a ser vista, não?

— Deveras há — Hufflepuff, a mulher alta com

tranças, concordou, sentando-se. — Artifex?

Um homem jovem e magro com lábios bem protuberantes e olhos salientes levantou-se ao final da mesa, onde estivera esperando os quatro. Suas coxas colidiram com a mesa e nesse momento se esticou para pegar sua taça ao vê-la balançar.

— Sim! Senhora Hufflepuff, aqui estou.

— Deleita-nos com nossas mais recentes benfeitorias de fim de ano, por favor.

Artifex retirou um rolo de pergaminho de suas vestes e, ainda de pé, pôs-se a desenrolá-lo sobre a mesa. Ele se inclinou mais próximo do pergaminho e semicerrou os olhos.

— Iniciarei com a última década. — disse ele, e começou a citar. — Uma vez que estávamos abastados de bens festivos, os fundadores foram à cabana de um camponês nas adjacências para uma formidável demonstração de generosidade, resultando em agradáveis canções de regozijo da parte do camponês, de sua família e vizinhos. Slytherin de imediato discordou. Para comemorar as festas do ano seguinte, os fundadores prometeram um ano de tributos doado para a construção de um mercado para os trouxas. Slytherin novamente discordou...

— Sim, sim — suspirou Gryffindor, acenando com a mão. — Mas o que faremos este ano? Admito que estou ansioso por algo diferente. Crescemos mais acostumados a distribuir nossa riqueza que nossas habilidades. Não é contra essa característica que lecionamos?

— De fato, esta é uma característica que vós lecionais contra. — replicou Slytherin imediatamente.

Ravenclaw assentiu firmemente, pousando seu cálice de vinho.

— Godrico tem toda a razão. Faz muito tempo que não usamos nossos talentos para uma causa nobre. Por

acaso não somos nós que dizemos que aqueles que podem fazer, fazem, e aqueles que não podem...?

— Por favor, não digas isso — gemeu Hufflepuff. — Mas o que faremos então?

Naquele momento, com um eco estrondoso e uma rajada de ar frio, as portas traseiras do Salão Principal se escancararam. Uma figura irrompeu por elas, emergindo de uma nuvem de flocos de neve torvelinhantes.

Sobre o estrado, Slytherin revirou os olhos em desdém.

— Alguns de nós simplesmente não conseguimos deixar de fazer entradas dramáticas, não? — Ele olhou para a enorme figura, um homem vestido de peles e um pesado capuz, sua barba dourada cobria o peito, ele subiu o estrado.

— Merlino — anunciou Gryffindor, levantando-se determinado para saudar o recém-chegado.

— Não estávamos cientes de que estavas vagando pelo reino. Bem vindo.

O homem enorme inclinou sua cabeça, sem sorrir.

— Obrigado, fundadores, mas não venho esta noite para festejar convosco. Venho trazendo notícias de suma importância da parte do próprio rei.

— O rei Tibério? — disse Ravenclaw, seu lábio contorcendo ligeiramente. — Por qual razão deveríamos nós prestar atenção às palavras de um mero títere? Ele não é o verdadeiro rei do mundo mágico, e sabe muito bem que a Academia de Hogwarts é uma autarquia.

— Minha fonte não é Tibério — disse Merlim, em sua voz baixa e retumbante. — Minha fonte é o rei.

Houve uma pausa enquanto cada olho na mesa fixava-se nele. Finalmente, Hufflepuff disse em voz baixa:

— Noé?

— Ridículo — Slytherin expôs categoricamente, erguendo seu vinho. — Conto de fadas para crianças. O rei Noé, primeiro rei do mundo mágico, está morto há muito, como bem sabemos.

— Nem todos sabem disso — corrigiu Hufflepuff suavemente. — E mais acreditam em seu conto do que apenas crianças, como tu bem sabes.

Gryffindor olhava fixamente para o recém-chegado.

— Estás deveras certo disto, Merlino? Espero que não fiques ofendido ao saber que tua lealdade e fidedignidade são assunto de especulações por aqui. Este me parece um conto em tanto.

Merlim não pestanejou.

— Não o vejo com freqüência, mas o reconheço quando vejo. Ele é extremamente difícil de se deixar passar. Ele conhece vossa reputação, e lhes presenteia com uma missão, uma que é digna de teus poderes e virtudes, na maioria dos casos. — Ele deslizou seu olhar em direção a Slytherin, que estreitou os olhos.

Ao final da mesa, Artifex pigarreou cuidadosamente.

— Hmm, só tento acompanhar, mestres, mas estou um pouco confuso. Do que trata a lenda sobre o primeiro rei Noé? Admito que meus pais não eram particularmente imaginativos como contadores de histórias.

Gryffindor não tirava seus olhos de Merlim enquanto falava.

— O rei Noé negociou um tratado que cessou uma guerra secular entre a Elfenidade e a Duendidade. Como retribuição, a lenda diz que a ele foi prometida imortalidade por conta dos elfos.

— Elfos domésticos? — esclareceu Artifex, olhando de relance do pergaminho. — Mas eles não são exatamente imortais, são?

— Não os elfos domésticos — respondeu Ravenclaw. — Elfos domésticos são o resultado da miscigenação de duendes e elfos. Seus antepassados escolheram permanecer.

Artifex franziu o cenho.

— Permanecer... onde?

— Haverá tempo para histórias mais tarde — interrompeu Slytherin, virando-se para Merlim. — Ou tu és um trapaceiro ou um tolo. A tumba de Noé pode estar ilocalizável e perdida na história, mas ela é tão real quanto a mesa diante de nós. Tu bem que poderias nos contar mais sobre esta misteriosa missão confiada a nós, meu amigo feiticeiro, mas, por favor, deixa adornos "festivos" fora disso, seria uma gentileza de tua parte.

Merlim estudou Slytherin por um momento, então sorriu criticamente e assentiu.

— Há uma jovem bruxa de nome Gabriela que esta noite será vítima de um lobisomem deveras engenhoso. Devemos evitar que tal aconteça a todo custo, pois a linhagem dessa bruxa se provará muito importante nas eras por vir. A cabana dela é por aqui, no bosque adjacente, embora eu não saiba a localização exata. Saberemos onde é por meio de um cata-vento quebrado próximo à chaminé.

— Esta é a tua missão? — escarneceu Slytherin. — Uma caçada selvagem na noite hibernal em busca da cabana de uma camponesa? — ele sorriu, como se a idéia fosse prazerosamente ridícula.

— Isto não é de nosso feitio — reconheceu Hufflepuff. — Mas se a informação de Merlino é precisa...

Slytherin acenou com uma mão desdenhosamente.

— Quem se importa com mais uma camponesa? Até mesmo os lobisomens merecem seu banquete natalino, não?

— Tu podes duvidar de Merlino, Salazar — disse Ravenclaw friamente. — Mas tu não podes fazer piada a respeito da vida dos outros, especialmente no Natal. Teu coração é tão frio quanto a noite que te recusas a explorar.

— Diga-me uma coisa, Merlino — disse Gryffindor, inclinando-se para encarar o enorme homem por sobre a mesa. — Se esta missão é tão importante quanto tu dizes, porque tu mesmo não foste confiado a ela?

Merlim ficou calado por vários minutos. Finalmente, olhou para o longe.

— Jurei não interferir neste caso. O rei me fez jurar.

— E por que seria assim? — perguntou Gryffindor sociavelmente, erguendo um pouco as sobrancelhas.

— Talvez tu gostarias de perguntar ao rei em pessoa, Godrico. — respondeu Merlim, erguendo agora uma de suas sobrancelhas.

Gryffindor assentiu, como se estivesse satisfeito.

— Aceito tua missão, Merlino, contanto que tu te juntes a nós, mesmo que não possa agir.

Talvez, como Salazar suspeita, isto possa ser uma traquinagem a ser feita na neve em uma noite de Natal, mas qual é o mal nisso? Não estávamos nós discutindo a melhor maneira de usar nossas habilidades para algum feito hoje à noite? Quem se junta a mim?

Ravenclaw sorriu e apresentou sua varinha retirando-a das vestes.

— Eu. Faz muito tempo desde que juntamos forças para uma aventura.

— Também terás meu apoio — concordou Hufflepuff, erguendo-se.

Ao final da mesa, a caneta de Artifex rabiscava no pergaminho do rolo de papéis.

— Slytherin... imediatamente... discorda... — ele dizia para si próprio enquanto escrevia. Na última

palavra, sua pena chicoteou para fora de seus dedos e flutuou acima da mesa.

— Apague isto — disse Slytherin suavemente, sua varinha apontando para a pena flutuante. Com um aceno levou a pena de volta para o pergaminho, onde a última linha foi rabiscada. — Acho que também vos acompanharei nesta missão. Desejo ver como ela se desfecha, por Merlino.

— Ah, — replicou Artifex, agarrando sem sucesso sua pena dançante. — Muito bem, então. Eu registrarei suas proezas ao seu retorno, fundadores.

Slytherin ficou de pé, ainda apontando sua varinha para a pena bamboleante.

— Na verdade, caro trovador, penso que deves ir conosco. E também deves registrar os fatos como os vê, não?

O grupo começou a descer o estrado. Artifex atrás, ainda tentando apanhar sua pena que ainda estava se precipitando fora de alcance.

— Muito bem, sim. — disse ele com pouco entusiasmo.

Na entrada, Ravenclaw parou e virou-se. Ela aproximou-se da extremidade de uma das longas mesas de estudantes e analisou-a superficialmente. Vendo o que ela estava procurando, estendeu as duas mãos e agarrou.

— Para que diabos tu poderias precisar disso? — perguntou Gryffindor, baixando os olhos para a enorme abóbora nas mãos de Ravenclaw.

— Venho pensando em experimentar uma coisa — respondeu ela indiferente, erguendo o queixo enquanto passava por ele.

Juntos, o grupo andou a passos largos pela rotunda, dirigindo-se às grandes portas e a noite invernal além.

Por favor, toma nota, Artifex — disse Slytherin de

seu assento. — Eu discordo devidamente deste método de transporte.

Hufflepuff alteou a voz no vento.

— Silêncio, Salazar. Isso faz perfeito sentido, como Rowena ressaltou.

— De fato, já que não sabemos a localização exata da cabana da jovem moça, não podemos desaparatar lá. — disse Gryffindor. — E vassouras seriam extravagantes demais dentro de territórios trouxas. Afinal estamos tentando adotar um perfil mais discreto atualmente. Este método nos permite explorar o bosque e permanecer anônimos, de certo modo.

— Estamos numa abóbora! — declarou Slytherin cuidadosamente.

— Isto é um trenó — corrigiu Ravenclaw com a voz estridente. — Embora ainda pareça um pouco com uma abóbora...

— Sem mencionar o cheiro — interrompeu Slytherin.

— Mas isso servirá perfeitamente para nossos propósitos. E a rena realmente adiciona um toque um tanto pitoresco, digo por mim.

— Continuo a considerá-los ratos — fungou Slytherin. — Gostaria de instruir nosso trovador a registrá-los como tal, já que eles e este trenó retornarão às suas formas originais em... eh, que horas?

Ravenclaw suspirou.

— Meia-noite. Veja, não posso evitar. Esse tipo de magia possui limitações próprias. Não é como uma transfiguração típica. Nunca seria capaz de mantê-la por uma noite inteira. Isso é magia das fadas. Aprendi com minha madrinha. Eu sempre quis tentar.

— Apreciamos o fato de nos permitir tomar parte nisto. — proclamou Slytherin soberbamente.

— Quanto tempo nós temos, Merlino? — perguntou Gryffindor do assento frontal do trenó,

arrebatando as rédeas.

— O lobisomem atacará a jovem Gabriela assim que ela retornar à sua cabana, precisamente cinco minutos após as onze horas — respondeu Merlim. — O lobo pretende emboscá-la, desse modo vós deveis despachá-lo antes do retorno da jovem dama, e a donzela jamais deve saber de vosso envolvimento. Isto... complicaria as coisas.

Hufflepuff virou-se curiosa, relembrando algo.

— Mais cedo, tu disseste que o lobisomem era engenhoso. O que quiseste dizer com isto?

— Minha querida senhora, tu não acreditarias se eu te dissesse. Permita-me simplesmente declarar que este lobisomem, enquanto em forma humana, é um pequeno lorde trouxa e um escritor de histórias. Não muito boas por sinal.

— Me parece que as coisas ficarão mais interessantes do que esperava anteriormente — reconheceu Slytherin, sorrindo.

O trenó movia-se tranqüilamente pela floresta, chegando ao topo de montes e ziguezagueando entre as árvores. Por todo lugar, a paisagem coberta de neve reluzia azul ao luar. O gelo cintilava nos galhos nus, crepitando quando as renas passavam por eles.

— Está ficando tarde — bradou Ravenclaw após um tempo. — Nunca encontraremos a cabana a tempo nessa velocidade. Precisamos de mais olhos na procura. Poderíamos nos separar?

— Não a menos que tu tenhas trazido mais abóboras — respondeu Gryffindor.

— Acho que posso ajudar — disse Hufflepuff, levantando-se de seu assento. — Artifex, ainda tens alguns daqueles pães de mel?

— Eu, eh, receio que não os tenha mais. — balbuciou o jovem homem. — Não sei a que te referes minha senhora.

— Oh, por favor, Artifex, somos bruxas e bruxos. — bradou Gryffindor. — É preciso mais do que dedos ligeiros para esconder biscoitos de nós. Eles estão no bolso direito de teu paletó. Não te importarias de partilhá-los, não?

Artifex tateou seu bolso teatralmente.

— Oh, estes! É mesmo! Certamente que não. Havia esquecido completamente deles. Aqui tem, senhora Hufflepuff.

Hufflepuff pegou o enorme pão de mel de Artifex e o suspendeu. Olhou de soslaio para os outros.

— Sempre quis tentar isto — anunciou ela. Cuidadosamente, ergueu sua varinha no trenó oscilante, e então a encostou em sua testa. Após um momento, ela afastou a varinha novamente, produzindo um fio longo e prateado o qual fluiu silenciosamente no ar frio.

— Idêntico a uma Penseira — comentou Ravenclaw. — Mas o que farás tu com isto?

Sem responder, Hufflepuff ergueu o pão de mel, cobrindo-o com a tira prateada e então deixou que ela se envolvesse. Repentinamente afastou sua varinha, partindo o fio e deixando-o entrelaçado em torno do biscoito, onde lentamente sumiu.

— E o quê, precisamente... — começou Slytherin, mas suas palavras congelaram quando o biscoito pulou na mão de Hufflepuff. O biscoito mudou de forma, desenvolvendo duas pernas rudimentares, braços curtos e grossos, e uma enorme e plana cabeça. A parte adocicada que adornava o biscoito se tornou os olhos diminutos da figura, enquanto uma covinha no rosto formou uma boca pequena e sorridente.

— Muito bem — comentou Merlim de forma apreciativa. — Um homem biscoito para nos ajudar na busca. Ele possui o único requisito necessário. Possui olhos.

Hufflepuff acenou orgulhosamente.

— E ele será rápido, a não ser que algum camponês faminto o encontre no caminho. — Para o homem biscoito, ela disse: — Estamos procurando por uma cabana com um cata-vento quebrado próximo à chaminé. Se tu encontrares, retorna a nós o mais rápido quanto puder e nos leve lá.

— Retornarei o mais rápido possível. — proclamou o homem biscoito em sua vozinha estridente, pulando para cima e para baixo na mão de Hufflepuff. — Eles nunca me pegarão!

Um momento depois, o homem diminuto saltou para fora do trenó pela parte dianteira e correu para o enluarado bosque, chutando para cima uma pluma de neve e tecendo uma trilha através das árvores.

— Isto é evidentemente ridículo. — anunciou Slytherin, — para o registro.

— Eh, falando nisso — replicou Artifex, erguendo os olhos de seu pergaminho, — é uma boa hora para perguntar a respeito do rei Noé novamente? Como trovador e registrador, sinto veementemente que eu deveria estar informado de tais coisas.

— Agora é uma boa hora como qualquer outra, suponho. — respondeu Gryffindor, esquadrinhando as árvores enquanto o trenó precipitava-se por cima das colinas. — Helga, tu entendes da lenda tão bem quanto qualquer outro.

Hufflepuff acenou afirmativamente.

— Realmente, é bastante simples. Quando o rei Noé ascendeu ao trono como primeiro rei do mundo mágico, uma guerra estava sendo travada entre duas facções do de povos mágicos durante séculos. Em um dos lados estava a Duendidade, a qual vós conheceis. Do outro lado estava a Elfenidade, que vós não conheceis, já que esta se afastou a muito tempo de nosso mundo. A fonte de sua inimizade fora há muito esquecida, mas a semente essencial desse conflito sempre estive diante

deles: eles eram similares demais para aceitar suas diferenças, mas diferentes demais para apreciar as similaridades de cada um. Os elfos eram uma raça muito esperta e sábia, diminuta e astuciosa, mas o mais importante, eles manipulavam o tempo, tanto de pequenas formas, individualmente, ou de formas amplas, quando trabalhavam em conjunto. Foi essa habilidade em si que levou o rei Noé a arquitetar um plano. Com a ajuda do conselho dos líderes elfos, eles escolheram o lugar mais remoto da Terra como local do mais ambicioso feitiço de ilocalizabilidade de todos os tempos. Ali, eles criaram uma nova nação para os elfos, escondida não somente no espaço, mas também no tempo, que existe dentro de uma bolha histórica criada pelos elfos e somente acessível a eles. Cada elfo na Terra migrou para sua nova nação, exceto aqueles que conhecemos agora como elfos domésticos, os quais preferiram ficar por vontade própria.

Artifex estivera rabiscando freneticamente, mas, de forma repentina, ergueu os olhos. — Porque eles fariam isso?

Merlim respondeu:

— Os elfos eram uma raça orgulhosa e arrogante. Aqueles que haviam se miscigenado com a Duendidade tornaram-se auto-depreciativos e servis. E se rebaixaram à posição de servos e escravos acreditando que um dia poderiam cumprir sua penitência por ter herança mista e então poder entrar na nação elfo escondida.

Slytherin comentou:

— E assim eles conseguem sua recompensa final, e nós mão-de-obra barata. Posso dizer que é um acordo vantajoso para ambas as partes.

— Indo direto ao assunto — continuou Hufflepuff. — Os duendes ficaram felizes em ver que os elfos se foram do mundo que eles conheciam, mas eles viveram em eterna suspeita do rei bruxo que trabalhara com os

elfos para providenciar seu êxodo. Porém de acordo com a parte élfica da lenda, seus líderes prometeram a Noé uma recompensa por sua sabedoria e esforço. Juraram-lhe transportar seu espírito para seu reino à beira da morte. Fiéis a sua palavra, as histórias declaram que os líderes elfo saíram de seu mundo uma vez mais e vieram ao nosso, pouco momento antes da morte do rei, levandoo consigo para nunca ser visto outra vez. Ali, no reino perene, ele supostamente ainda vive, ressurreto e vigoroso, quiçá zelando por nós que fomos deixados em nosso próprio mundo.

— Admito — disse Artifex assim que parou de escrever, — que me parece mais um conto de fadas. Não uma estória ruim, mas, todavia uma estória.

— O garoto mostra potencial — declarou Slytherin entusiasticamente.

— Olhai — interrompeu Gryffindor, apontando. — Nosso amiguinho retornou.

Como era de se esperar, enquanto os ocupantes do trenó se inclinaram para frente, olhando com dificuldade na escuridão, uma figura diminuta moveu-se com velocidade pelo bosque, espiralando através das arvores e elevando uma cauda de neve à sua esteira. À medida que se aproximava do trenó, saltou no ar, aterrissando calmamente sobre a mão esticada de Hufflepuff.

— Tens algo a nos contar? — perguntou ela enquanto Gryffindor parava o trenó.

— Sim — trinou o diminuto homem biscoito. — Fui perseguido por três trouxas, dois bruxos, uma raposa, quinze porcos, e um corvo muito persistente.

— Quis dizer — disse Hufflepuff, olhando de lado para os outros. — Encontraste a cabana?

O homem biscoito fez uma reverência sobre a mão dela.

— Deveras, sim! Vós deveis seguir a estrela

boreal colina abaixo. A cabana fica exatamente ao fim do bosque, menos de cinco minutos além.

Gryffindor agarrou as rédeas e as puxou, virando o trenó na direção que o homenzinho havia indicado.

— Não nos resta muito tempo. — bradou ele enquanto o trenó retomava velocidade, zumbindo ao descer a colina e serpenteando entre árvores. — Já são quase onze horas. O lobo atacará em breve, a menos que cheguemos em poucos minutos.

Os ocupantes do trenó seguraram-se amedrontados enquanto as renas galopavam pela neve, puxando o trenó cada vez mais rápido. As árvores começaram a ficar escassas, e o trenó repentinamente passou por cima de uma plataforma de arbustos congelados, fazendo velozmente uma complicada curva. Neve explodiu para todos os lados, cegando os passageiros por um longo e tenso momento.

Quando o ambiente se tornou limpo, Gryffindor, de repente, puxou as rédeas, imobilizando as renas na neve e forçando o trenó a parar subitamente.

— Porque paramos? — exigiu Ravenclaw, inclinando-se para frente. — A cabana é ali, visível exatamente acima dessa planície nevada! Podemos andar até lá em cinco minutos!

— Isso não é nenhuma planície nevada — expôs Gryffindor categoricamente, apontando algo.

Os outros olharam.

— Ah, sim — disse Slytherin, acomodando-se de volta em seu assento. — É um lago congelado. Que perfeitamente desapontador. Nunca suportará nosso peso.

— Me suportou sem nenhum problema — disse o homem biscoito de onde estava na mão de Hufflepuff.

Ravenclaw remexeu-se ansiosamente em seu assento.

— Temos tempo para caminhar por ele?

— Penso que não — disse Gryffindor seriamente. — Vira-te e olha para o leste. Podes ver?

— A jovem bruxa está retornando neste exato momento. — falou Merlim, perscrutando ao luar. De fato, um pontinho de luz marcava o progresso de uma pequena figura em uma capa vermelha tomando seu caminho pelas árvores que estavam em torno do lago. Uma lanterna balançava ao lado da figura enquanto ela se aproximava da cabana.

— O que faremos amigos? — perguntou Hufflepuff apressadamente. — Me recuso a acreditar que viemos a essa distância, descobrindo a verdade da missão de Merlim, para falhar no final.

Gryffindor virou-se devagar no assento dianteiro do trenó, com um sorriso alargando-se acima de seu estreito cavanhaque.

— Há algo — disse ele lentamente, — que eu sempre quis experimentar.

Tão agradável como poderia — gritou Hufflepuff no vento uivante. — Acho que isso está um tanto que apavorando as renas.

— O que há para se apavorar? — contestou Gryffindor, sorrindo

abertamente enquanto segurava as rédeas de modo amedrontador.

— Bem, para iniciantes, — insinuou Ravenclaw proveitosamente — acho que elas estão um tanto acostumadas a terem seus cascos sobre o chão!

Gryffindor deu de ombros.

— Absurdo! Afinal de contas, elas são ratos, como Salazar assinalou, e como tais não possuem cérebro suficiente para insegurança. Elas estão ótimas, e chegaremos lá num piscar de olhos, sem dúvida!

— Longe de mim mencionar isso, — manifestou-se Slytherin, perscrutando um dos lados do trenó — mas creio que acabamos de passar bem por cima do teto da

cabana em questão.

— Oh, — reagiu Gryffindor, impulsionando as rédeas novamente. Não temam. Nós aterrissaremos na parte de trás da cabana, dessa forma esconderemos nossa presença da jovem Gabriela. Um plano perfeito, atrevo-me a dizer.

O vento uivava em torno do trenó enquanto Gryffindor o pilotava pelo ar. As renas galopavam corajosamente, seus cascos zunindo pelo frígido céu noturno. Enquanto desciam, teciam através de pinheiros altos, aproximando-se do teto da cabana iluminado pela lua. Um fino rastro de fumaça saía de dentro da chaminé curva e torta. Próximo a ela, exatamente como tinha sido anunciado, havia um velho cata-vento de ferro forjado quebrado.

Com uma pancada e uma sacudidela, o trenó aterrissou no pequeno jardim e deslizou em uma parada súbita.

— Agora, depressa — disse Ravenclaw, respirando forte. — Vamos despachar o lobo. Certamente estaremos fazendo um favor a esta criatura asquerosa.

— Espera, Rowena — disse Hufflepuff, tocando no ombro sua irmã bruxa. — Não podemos todos entrar apressadamente na cabana. Lembrai-se dos detalhes de nossa missão. Não devemos ser vistos. Discrição e perspicácia deve ser nosso lema. Seguramente, um mero lobisomem trouxa não requer a atenção de nós quatro, sim?

Houve um momento de meditação, e então todos os olhares se voltaram para Salazar Slytherin.

— Discrição e perspicácia — disse Gryffindor, com os olhos faiscando na luz lunar, — parece mesmo ser tua especialidade, Salazar.

Slytherin revirou os olhos.

— Certo, farei isto — proclamou ele

preguiçosamente. — Mas me recuso a me deleitar com isto. Deixai que o registro mostre isto.

Lenta e majestosamente, Slytherin se pôs de pé, posicionando-se na traseira do trenó. Ele alisou suas vestes grossas, ajustou o colarinho e cobriu-se com o capuz. E então, com uma rajada repentina de ar, ele se transformou. Artifex tinha ouvido a respeito de tais coisas, mas, na verdade, nunca as tinha visto acontecer. Ele ofegou e segurou os rolos de pergaminhos com força contra o peito.

Slytherin grunhiu no ar da noite e se precipitou para fora do trenó, batendo constantemente suas asas curtidas.

— Certamente aquilo não é muito agradável — comentou Ravenclaw, com a boca retorcida em desdém brando — Mas suponho que ser um morcego às vezes é útil.

O morcego volteou pelo ar, muito pouco visível à luz lunar. Quando alcançou a cabana, o animal escalou a parede de pedra, desaparecendo sob o beirado. Vários momentos de tenso e longo silêncio se passaram. No trenó, Hufflepuff virou-se e olhou para Merlim, com uma sobrancelha erguida.

— Conte-nos como realmente tu soubeste desta missão hoje à noite, Merlino? — perguntou ela.

— Exatamente como lhes contei — respondeu ele uniformemente. — O rei me enviou.

Hufflepuff suspirou.

Um momento depois, houve uma explosão de ruídos no interior da casa. Houve um uivo abafado, uma briga selvagem, e então um horrível e nauseante som gutural. Cinco segundos mais tarde, a porta dos fundos da cabana abriu-se com estouro, se estilhaçando em pedaços, e um enorme e vagamente humanóide lobo tombou sobre a neve, como se estivesse sendo impelido por alguma força incomum. A criatura lutou para manter

seus pés abaixo de si, e então fugiu pelo jardim, choramingando para si mesmo e sem jamais olhar para trás.

No trenó, todos os olhos fitaram o bosque pelo qual o lobo havia sumido.

— Estou equivocada — disse Ravenclaw de forma indulgente, — ou aquele lobisomem estava usando roupas de baixo femininas?

— Creio que, na verdade, era uma camisola, — corrigiu Gryffindor — e uma touca. Estou positivamente certo de que ele estava usando uma touca.

Hufflepuff virou-se para Merlim mais uma vez, com a sobrancelha erguida mordazmente.

— Podemos inferir — disse ela ironicamente, — que o lobisomem estava vestido como a avó da garotinha?

De forma muito lenta, Merlim deu de ombros os quais se moveram como placas tectônicas.

— Eu lhes disse. Era um lobisomem muito esperto.

Do outro lado do quintal, uma sombra se moveu. Slytherin saiu da cabana e, casualmente, caminhou a passos largos pela neve, com a varinha ao lado. Após uma dúzia de passos, ele parou, como se estivesse se lembrando de algo. Levantando sua varinha, ele meio que se virou de volta para a porta quebrada.

— Reparo. — disse ele vagarosamente. Os pedaços da porta saltaram e uniram-se novamente, arremessando-se dentro da moldura escancarada.

— Muito bem feito, Salazar — comentou Hufflepuff enquanto o bruxo calvo retomava seu assento. — Temo perguntar, mas o que aconteceu com a avó da jovem moça?

— Ah, sim — replicou Slytherin, endireitando seu colarinho novamente. — Ela ficará bem. Espantosamente, o lobisomem a tinha engolido por

completo. Simplesmente o induzi a, eh, vomitá-la outra vez. Uma leve modificação de memória a convenceu de que ela ficou adormecida a noite inteira.

— Perdão por dizer isso, Salazar — disse Merlim enquanto Gryffindor agarrava as rédeas mais uma vez, — mas creio que te deleitaste, afinal.

— Os mistérios e maravilhas da força de vontade natalina nunca cessam. — resmungou Slytherin, sem encontrar o olhar de Merlim.

Silenciosamente, o trenó avançou veloz através do bosque, retraçando seu caminho de volta para

o castelo.

Uma hora depois, Merlim partia do castelo a pé. Apreciava ligeiramente a neve por sobre a qual caminhava, não deixava praticamente nenhuma marca na encosta brilhante. Enquanto se aproximava da floresta ao deixar a incandescência do castelo sentiu a presença de alguém ali perto o observando.

— Saudações, novamente, ó, rei. — disse ele, parando, sem se virar.

— Já te disse para não te referires a mim deste modo. — disse uma voz, rindo de forma um pouco vazia. — Há muito não uso uma coroa. Atualmente, tudo o que uso é um chapéu de inverno, e para ser honesto, acho que prefiro assim. Sem dúvida, é muito mais quente, especialmente de onde venho. Presumo que tudo correu bem.

— Tu sabes que sim — respondeu Merlim, virando-se para encarar a figura que aparecera na neve. Noé era gordo e barbado, e estava sentado de forma resplandecente no assento de um trenó bastante majestoso, muito mais ornado que aquele que Ravenclaw tinha conjurado a partir de uma abóbora. Enormes renas, muito mais magnificentes e melhor treinadas que os ratos transformados posicionavam-se em duas cordas junto aos arreios do trenó.

— Tendes o tempo como um brinquedo, ó, rei — continuou Merlim. — Se tu tivesses sabido que não teríamos sucesso não terias me enviado.

— Oh, não fique irritado — disse Noé — Tu sabias que não podia deixar-te conduzir tal missão sozinho. Tu bem sabes que a questão não era apenas completar a tarefa. A questão era deixar os outros fazerem a generosidade.

— E o meu dom não é valioso o suficiente?

— A dádiva que tu mais dificilmente cede é deixar que os outros ajudem. Então, sim, seu dom é bastante valioso. E estimado.

— Tu sabes que as lendas a teu respeito estão se proliferando, ó, rei — comentou Merlim, erguendo os olhos para as árvores próximas. — O povo está começando a criar suas próprias histórias sobre um velho gentil que sai por ai distribuindo presentes e ajudando as pessoas necessitadas. Alguns até mesmo deixam biscoitos na esperança de sua chegada. Se tu planejas manter segredo seria melhor esconder melhor teu rastro.

— Tu já soas como meus elfos, Merlino — riu o homem corpulento. Contudo, muito mais alegre — Sempre dizendo que devo parar de me aventurar no mundo temporal. É apenas uma noite ao ano. Que mal pode haver nisto?

— Alguns suspeitam que tu, ó rei, és o misterioso doador de presentes, — expôs Merlim, olhando no interior dos olhos negros e cintilantes do homem. — Ao menos os camponeses. Eles te chamam de santo. Até mesmo os trouxas começaram a difundir a lenda do velinho que vive lá em cima no pólo, onde o inverno não cessa, onde os elfos secretamente erguem suas cidades. Todavia, eles te chamam um tanto erroneamente. Te chamam de “Noel”.

— Noel — disse o homem corpulento, como se

estivesse provando a palavra. — Me agrada de certa forma. Posso usá-lo. Muito melhor que Noé. Afinal este há muito não sou eu, não concordarias?

— Meu amigo, não há muito que eu concorde com relação a ti, mas direi isso: tu me divertes. Tu me divertes eternamente.

O homem corpulento riu novamente e bateu amigavelmente no ombro de Merlim.

— Então, deixa que este seja teu presente de Natal, Merlino. Tu és muito solene, amigo meu, deveras muito solene...

Merlim recuou um pouco, sabendo que Noé... Noel apurou seus pensamentos... estava prestes a partir. Ele nunca permanecia num mesmo lugar por muito tempo.

— Diz-me, ó, rei, — perguntou Merlim, alteando a voz. — Porque a donzela era tão importante?

— Ela é importante porque todas as pessoas são importantes, Merlino. — riu o homem corpulento — Tu sabes disto.

Merlim simplesmente sorriu rijamente, e ergueu uma sobrancelha.

— E — disse Noel, levantando as rédeas, — ela possuirá um descendente muito importante daqui há muitas e muitas luas. Um descendente que salvará muitas pessoas. Um oleiro[{1}].

— Desde quando oleiros salvam pessoas? — perguntou Merlim.

— Desde quando começaste a te importar com a razão das pessoas merecerem ser salvas? — reagiu Noel, sorrindo, com as bochechas coradas, e sua alva barba arrepiando-se ao luar. — A propósito, apreciei o que teu aliado, Gryffindor, fez com o trenó. Renas voadoras, quem diria. Eu poderia fazer coisas maravilhosas com aquilo. Talvez devesse falar a respeito com meus elfos ao retornar para o pólo.

Merlim meramente balançou a cabeça enquanto o homem corpulento pegava as rédeas. As renas se moveram todas de uma vez, puxando o trenó de forma tão repentina que Noel teve de comprimir suas mãos contra a cabeça para manter seu gorro no lugar.

— Ho, ho, ho! Feliz Natal, Merlim! Feliz Natal a todos!

O trenó moveu-se velozmente para dentro do bosque, desaparecendo à distância antes que tivesse qualquer desculpa. Merlim estava de pé na neve, observando o trenó afastar-se, sorrindo para si mesmo e balançando a cabeça.

O homem podia ser meio maluco, pensou Merlim, mas sabia como dar bons presentes.

FIM

A ESCAPADA DE PETRA

Um conto de Natal de Petra Morganstern

Por G. Norman Lippert

Dedicado a Tom Grey e suportstacie.net

Tradução de Thayrone Nery e Revisão de Ronald Bautista
Edição final de Josh Baconi
JPIX

Caro leitor,

Esta história é um pouco incomum. É uma história paralela que ocorre durante o feriado de Natal do livro chamado James Potter e a Maldição do Guardião, que é a seqüência de James Potter e a Travessia dos Titãs. Se você ainda não leu nenhum destes livros, este conto irá lhe narrar informações muito importantes, alem disto não fará tanto sentido quanto você esperaria. Portanto, posso ser ousado a ponto de lhe sugerir para dar uma olhada nas histórias supracitadas antes de ler algo mais? Se você gostou da série Harry Potter escrita pela Sra. Rowling (e por que você estaria aqui se não tivesse?) então há boas chances de você gostar destas histórias também. E então, volte e leia “A Escapada de Petra”. Fará muito mais sentido, e você ficará orgulhoso de si mesmo por ter dado atenção a este conselho.

Se, por outro lado, você já leu as citadas histórias anteriormente e conhece a história de Petra até aqui, então espero que você aproveite mais este vislumbre extra em sua vida.

Avante…

Não é para ser um esporte de contato, Alvo — disse James, empurrando seu irmão para longe de si, e derrubando-o no chão perto da cadeira. — Você quase quebrou a minha varinha, seu grande idiota.

— Talvez se você tivesse entrado para o time de quadribol estaria um pouco mais acostumado com um jogo duro — disse Alvo docemente, colocando-se de pé em um salto. — Além do mais, se você não fosse tão fácil de derrubar, nós ainda estaríamos jogando e eu teria feito um ponto agora mesmo.

James se levantou apoiando-se na cadeira e se limpou.

— Você só está com raiva porque eu estou ganhando. Lílian está certa; você é um mau perdedor. Ela me disse que nunca mais jogará Corrimões com você porque da última vez que ela ganhou você atirou as peças do jogo pela janela.

— Ela está mentindo — grunhiu Alvo. — Ela nunca me venceu naquele jogo estúpido. E, além disso, a mamãe só precisou de um feitiço Accio para juntar todas as peças e trazê-las de volta do jardim.

James girou pela sala comunal vazia em sua maioria, levantando sua varinha.

— Qual o placar, Rosa?

Rosa suspirou em sua poltrona perto da lareira.

— Sete a zero — disse ela, sem baixar o livro que estava lendo.

— E quem está perdendo? — instigou James, olhando de soslaio para Alvo.

— Eu — respondeu Rosa. — Fique quieto e deixe-me ler. Isto é importante, se você não se importa.

— Dê o seu primeiro arranque — disse Alvo, apontando sua varinha para a já bastante machucada maçã na cadeira próxima. — Vou brocar essa coisa tão forte que você ficará limpando geléia de maçã das paredes por semanas.

James sorriu maliciosamente e os dois garotos levitaram a maça entre eles.

De um dos cantos, Petra Morganstern observava em silêncio. Ambos os garotos se esforçavam para superar os feitiços um do outro, forçando a maçã a girar e saltitar pelo ar. Alvo movia-se com hesitação entre a mobília, mordendo seus lábios em concentração e colidindo em uma mesinha. A maçã saltitou por sobre um sofá e por pouco não caiu sobre o colo de Petra. James disparou para frente, sua varinha sacudindo com selvageria em seu punho. Ele parou exatamente na frente de Petra, sem nunca tirar os olhos da maçã que agora saltava ferozmente. Petra não se moveu. Depois de um momento, a maçã disparou pela sala, lançando-se em direção à lareira. James saltou para ficar abaixo dela, evitando que Alvo atingisse seu objetivo.

Depois de alguns minutos, Petra se levantou. Sem realmente saber onde estava indo, ela caminhou pela sala, passando diretamente entre Alvo e James. Nenhum dos garotos olhou para ela enquanto passava, apesar do fato de ter se aproximado o bastante para que James roçasse seu joelho com a capa da garota. Petra não estava surpresa. A capa viera com o pacote de seu pai, e era mesmo uma capa notavelmente poderosa. Ela não estava exatamente se escondendo. Ela já estava acostumada a vestir aquele traje, em parte porque ele a aquecia, mas principalmente porque lhe dava a liberdade que precisava para... explorar.

Invisibilidade era uma enorme vantagem para alguém com tantos segredos.

Petra se apressou pelos corredores vazios, arrastando sua mão direita pelas frias paredes de pedra. A maioria dos archotes estava apagada, mas as inúmeras janelas cintilavam com a luz do inverno rigoroso, difundindo as sombras, fazendo com que quadros e jogos de armaduras parecessem desinteressantes e

monótonos. Ela carregava consigo, obviamente, um pequeno objeto na mão esquerda. Ela não olhava para aquela mão, e se surpreenderia caso olhasse, chocada ao ver o objeto preso ali, quase como se sua mão esquerda tivesse vida própria. Em vez disso, Petra simplesmente continuou andando, usando somente sua mão direita para abrir portas e segurar em corrimões, deixando sua mão esquerda de lado, sempre de lado, guardando seu próprio segredo sombrio.

O diretor Merlim estava ali em algum lugar. Petra não sabia em que lugar do castelo ele estava, mas podia senti-lo, mesmo que não fosse visto há vários dias. Ele ainda procurava por algo, e estava preocupado com isto. Isso era bom. Ela tinha uma forte suspeita de que, por mais poderosa que sua misteriosa capa fosse, esta provavelmente não a ocultaria do diretor caso ele aparecesse no corredor. Por ora, Petra ficava alegre em não ser vista, especialmente por Merlino. Ela continuou caminhando tranquilamente, sem pressa aparente.

No topo da escadaria, Petra virou à direita. Ela entrou silenciosamente num corredor escuro, afastando-se da enorme janela acima do patamar. Estava muito mais frio naquela parte do castelo, e o lugar para o qual Petra se dirigia estaria mais frio ainda, mas não importava. Ela mal sentia o frio.

Ela sabia que havia algo errado no que estava fazendo, e mesmo assim, de alguma maneira, questões de certo e errado não tinham a mesma importância para ela do que meses atrás. Tudo era muito confuso agora. Havia tantas coisas que eram difíceis de compreender, sua mãe, seu pai, a caixa do Ministério, e até mesmo a capa que usava naquele momento. Havia alguma coisa essencialmente errada com sua compreensão sobre essas cosias, mas ela não poderia encarar isso ainda. Doía muito. A maldição de Petra era o fato de ser esperta e, por isso, não podia continuar a se enganar

para sempre. A voz da câmara lhe dizia que não tardaria e as coisas iriam mudar. Suas esperanças iram se concretizar em breve, o equilíbrio seria alcançado e, então, tudo iria acabar. Nada mais importaria. Todas as confusões se consumiriam na luz ofuscante de uma realidade inteiramente nova. Até lá, Petra só tinha que controlar a batalha em seu próprio coração e mente. Ela achava que era capaz. Esperava poder fazê-lo.

Parou em frente à porta do banheiro das meninas. Lá dentro havia uma escadaria secreta que levava à câmara subterrânea e, então, ao estranho lago cintilante. Ela mal tinha consciência de que se tornara obcecada pelo lago e por seus irresistíveis e tentadores segredos. Mas ao mesmo tempo, sabia que não havia nada de novo lá para ela. Pelo menos ainda não. Ela ansiava com todas suas forças ir escuridão abaixo e ver os rostos daqueles que amava, mas sabia que isto só a perturbaria e frustraria. A hora ainda não havia chegado. Até que chegasse, tudo que ela podia fazer era olhar e esperar. E temer.

Despercebida, sua mão esquerda apertou ainda mais o que segurava. O objeto era um pequeno e sujo boneco com olhos feitos de botões e indomáveis cabelos negros de fio. Sua testa fora adornada com um raio irregular rabiscado com tinta verde-escuro.

(Na sala comunal da Grifinória, James repentinamente levou uma das mãos à testa como se um pequeno golpe de dor lhe tivesse atingido. A dor cessou quase imediatamente, mas se distraíra o suficiente para Alvo marcar sua primeira broca. Alvo gritou de alegria enquanto James balançava a cabeça, atrapalhado e preocupado. Rosa o fitou com as sobrancelhas franzidas, encontrando o olhar de James. O livro em suas mãos era encapado com um tecido desgastado de cor borgonha. Na lombada, realçadas em um dourado desbotado, estavam as palavras O Livro de Histórias Paralelas,

Volume III).

No corredor em frente ao banheiro das meninas, Petra estava de pé perfeitamente imóvel, sua mão direita estendida, sem exatamente tocar a grossa porta de madeira. Finalmente, ela pestanejou. Afastou-se da porta. Talvez ela já tivesse descido a câmara o bastante ultimamente. Talvez fosse hora de uma pausa. Vagarosamente, lutando contra o imperador desejo de seu coração, Petra virou e voltou pelo mesmo caminho. Aquilo não a fazia se sentir melhor, mas a fazia sentir um pouco mais no controle da situação.

Ultimamente, aquela era uma sensação rara.

A encosta coberta de neve era quase ofuscante na luz fria da tarde. Petra semicerrava os olhos enquanto se afastava do castelo, escutando o ruído de suas botas na trilha gelada.

Na realidade, ela não tinha um plano ou destino em mente, mas os telhados de Hogsmeade apareceram acima das colinas bem a tempo. Fios de fumaça branca das chaminés desenhavam linhas no céu, indicando famílias alegres e padarias quentinhas. Ao longe, Petra podia ouvir o eco de cantigas de Natal. Sorriu um pouco para si mesma e se dirigiu para os sons.

Ao entrar no povoado, Petra ficou encantada com a multidão vestida e agasalhada que andava alegremente nas ruas, tagarelando e rindo. Ela sorria enquanto caminhava, e como havia ficado tempo suficiente no dormitório para tirar a capa de seu pai (e o misterioso boneco), muitos dos rostos na multidão sorriam de volta para ela. Um diminuto e encarquilhado bruxo lhe fez uma reverência, tirando seu enorme gorro de lã e revelando sua cabeça perfeitamente calva.

— Feliz Natal, bela jovem — ele proclamou alegremente. — e que o ano novo lhe traga muitas felicidades!

Petra sorriu para o homem um pouco

enigmaticamente e continuou caminhando.

Uma grande e desorganizada multidão estava do lado de fora de Gemialidades Weasley, querendo entrar para o que os avisos externos diziam ser “Cinco Horas de Loucura de Luar? Só

Uma Vez na Vida! Jorge Perdeu Completamente os Parafusos! Super Liquidação de Natal para Acabar com Todas as Liquidações!”. Petra olhava, mas não podia ver ninguém que conhecesse naquela multidão que se empurrava amigavelmente. Ela passou pelo outro lado da rua, contornando uma banca de jornal de dois andares e dobrando em uma rua lateral que levava ao Três Vassouras.

Estava bem quente no interior, lotado de bruxos e bruxas acotovelando uns aos outros.

Abarrotavam-se ao redor das mesinhas, bebendo cerveja amanteigada quente e uísque de fogo reforçado com hortelã, e suas vozes misturadas retiniam nas paredes como um coro de pássaros. Petra adentrou o bar e sentou num assento vazio entre dois ombros largos.

— O que deseja, docinho? — berrou Madame Rosmerta por cima da cacofonia de vozes, pondo-se na frente de Petra, obviamente feliz com o movimento das festas.

— Talvez um quarto para uma ou duas noites? — respondeu Petra, colocando um galeão no balcão polido do bar.

Rosmerta deu uma olhada rápida e especialista no galeão. Ela estava ficando bem velha, mas ainda tinha aqueles brilhantes olhos de corça e curvas sensuais que haviam feito dela um ícone por décadas em Hogsmeade.

— Dando uma escapada? — disse ela, inclinando-se para Petra. — Tem certeza de que seja uma boa idéia, minha querida? Pode ser que lá fora esteja bem antiquado agora, mas quando o sol se puser as coisas

podem ficar um bocado interessantes.

— Eu sei me cuidar — disse Petra sorrindo, e algo em seu sorriso fez com que Rosmerta arregalasse os olhos ligeiramente. Ela estudou Petra por um momento e então fez o galeão desaparecer.

— Os céus sabem que o mundo favorece uma mulher que sabe o que quer — replicou ela, franzindo as sobrancelhas em aprovação. — O Thrimple aqui lhe ajudará com a bagagem, se tiver alguma. Não servimos café da manhã, mas nossos almoços são mais que compensatórios. Escolha qual dos dois últimos quartos você prefere, querida, e se precisar de alguma coisa é só chamar, certo?

Petra assentiu, sorrindo para a mulher mais velha.

— Bem, isso é tudo — disse Rosmerta inclinando-se por sobre o balcão outra vez e falando diretamente no ouvido de Petra. — Mantenha a varinha sempre em mãos quando o sol se puser.

Lobos foram vistos por aqui ultimamente, se você me entende. Não dói nada ser mais cuidadosa. Petra assentiu novamente. Desta vez, ela não sorriu.

Dentre os pertences terrenos do pai de Petra estavam uma mísera muda de roupas, um chapéu, um par de botas feitas de couro tão gastas que mal ficavam rígidas, uma varinha bem barata, uma navalha, sete galeões e dois sicles, e um pequeno jarro de nuques que Petra não perdeu tempo contando. Não era muito, mas aparentemente representava todos os bens que ele possuía quando foi preso. Petra não havia sabido o que fazer com o dinheiro, mas ao entrar no quarto alugado no andar de cima do Três Vassouras, olhando pela janela a vista da Avenida Guddymutter enquanto o anoitecer a envolvia em sombra púrpura, ela decidiu que uma “escapada”, como Madame Rosmerta havia mencionado, era a escolha perfeita. Seu pai provavelmente teria

aprovado.

Havia mais uma coisa no fundo da caixa do Ministério. Petra havia encontrado um pequeno broche de opala enrolado em um lenço com delicados ornamentos dourados. Não havia como ela ter sabido daquilo, mas enquanto segurava o broche em sua mão, fitando-o, duas solitárias lágrimas caíram desenhando linhas em suas bochechas; ela soubera que aquilo havia sido um presente de Natal para sua mãe que fora comprado por seu pai poucos dias antes de sua prisão. Ele nunca tivera a chance de dar a ela. Até mesmo Petra podia dizer que não era um broche particularmente caro, mas tinha uma graça e beleza atenuada que a surpreendiam. Por mais modesto que parecesse, ainda assim custara mais do que alguns meses de salário ao seu pai. Olhando a face pálida e opalescente da pedra, Petra também podia imaginar claramente seu pai na frente da joalheria (de alguma forma Petra sabia que havia sido a Icabô, Relíquias & Raridades, na esquina da Travessa do Tranco com o Beco Diagonal) vestindo sua melhor camisa e gravata, ajeitando o colarinho, tentando aparentar ciência do que fazia enquanto o proprietário, o próprio Sr. Icabô, suspirava e sorria friamente. Ela podia ver o brilho nos olhos de seu pai cravados no broche de opala na vitrine, via-o chegar mais perto, hipnotizado pela beleza mundana do objeto, com o rosto se iluminando. O preço indicado no pequeno cartão próximo ao broche era mais do que ele estava preparado a pagar, mas ele já havia decidido que seria aquele, de qualquer jeito. Levara mais um mês para o pai de Petra trabalhar e guardar o dinheiro, durante o qual o Sr. Icabô havia se recusado a reservar o broche, ou pechinchar o valor, uma vez que (como Petra podia ver claramente com sua visão mental) simplesmente não acreditava que aquele modesto homem usando um casaco mal-ajustado e chapéu de operário nunca poderia

pagar por tal objeto. No fim, contudo, ele havia juntado o dinheiro, e o Sr. Icabô alegremente havia embalado o broche e assinado um recibo com sua detalhista caligrafia de joalheiro. E seu pai havia saído da loja carregando a caixa no bolso e esboçando um sorriso de alguém que sabia que havia acabado de fazer algo maravilhoso para alguém que afetuosamente amava.

Petra ergueu o olhar e fitou a rua coberta de neve do lado de fora da janela, despercebida, ainda segurando o broche em sua mão. Talvez aquela fosse uma estória totalmente ficcional, sobre o Sr. Icabô e seu pai e o broche na vitrine, mas ela achava que não. A lembrança estava cravada na opala, guardada lá como um pequeno tesouro. E agora que Petra sabia como era a aparência de seu pai, tendo visto seu rosto no misterioso reflexo verde do lago da Câmara, a lembrança era ainda mais clara. Era uma visão horrível, porque seu pai nunca havia conseguido presentear a mulher para a qual havia comprado o broche, mas também era uma visão agradável, pois seu pai estava feliz nela. Ele não sabia o que estava prestes a acontecer. Seu futuro seria especialmente simples e comum, mas até onde lhe preocupava, era brilhante.

Sem pensar, Petra prendeu o broche em sua capa. Ao terminar, contemplou seu reflexo na janela. O broche resplandeceu na luz opaca do anoitecer, capturando-a e tornando-a mágica. Petra suspirou.

Um momento depois, ela deixou o quarto, fechando gentilmente a porta atrás dela. Ela iria dar uma volta.

A rua principal se esvaziava enquanto o sol se punha numa surpreendente flâmula laranja e roxa. O frio golpeava do leste, soprando rodamoinhos de neve rua abaixo como areia. Petra deteve-se nas vitrines ao longo da rua, olhando à toa para os produtos em exibição: espadas duendes decorativas e cálices na Fundições

Wravenbrick, pomposas pastas de couro e penas na Escriba: Penas Especiais, vestes a rigor e becas coloridas na Trapobelo. Sem perceber, Petra desviou-se da rua principal e se encontrou na frente da antiga Casa dos Gritos, cujas cercas estavam abandonadas e deixadas em ruínas desde que a casa havia parado de gritar. Ela se cobriu com a capa quando a friagem começara a aumentar. Quando finalmente decidiu voltar ao Três Vassouras e possivelmente pedir algo para comer à Madame Rosmerta, ela não sabia exatamente em que lugar de Hogsmeade estava. Fileiras de chalés, muitos em diferentes estágios de decadência, apinhavam a rua estreita. Em cima dos tetos baixos, Petra ainda podia ver o reconfortante fulgor amarelo das lanternas ao longo da rua principal. Sem gostar de algumas das personagens espreitando pela calçada, ela virou num beco pretendendo cortar caminho para uma rua mais populosa.

O beco era muito estreito e estava coberto de neve. Petra abria trabalhosamente seu caminho pela neve, apoiando-se em grades e postes ali perto. Aquele era um beco tortuoso, o qual se embrenhava por uma área bem miserável do povoado. Petra não sabia que tais lugares existiam em Hogsmeade. Roupas surradas quase congeladas pendiam de varais esticados entre as construções. Latas de lixo e varandas inclinadas amontoavam-se no beco, quase o obstruindo. Sombras se aglomeravam densamente nos cantos enquanto a escuridão se assentava, como se a noite nunca houvesse abandonado o beco por completo, senão simplesmente tivesse recuado um pouco durante a hora mais brilhante do dia.

Havia uma incandescência bruxuleante na próxima interseção do beco. Petra contornou a esquina, tropeçando num montículo de neve particularmente maciço, e se achou no meio de um grupo de figuras

magras e esfarrapadas. Eles estavam tão cobertos em roupas sujas e amarfanhadas que até ela levou um tempo para reconhecê-las como duendes. As figuras diminutas se agrupavam ao redor de uma fogueira duende mágica que ardia brilhantemente na base de um caldeirão quebrado. As chamas da fogueira saltavam e dançavam freneticamente, alimentadas, aparentemente, por nada. Os duendes fitaram Petra, com seus intensos olhos negros ilegíveis.

— Desculpem — disse Petra, sua respiração aspirando no ar gélido. — É que estou tentando voltar para a rua principal. Vocês, por acaso, poderiam me apontar a direção certa?

Os duendes meramente a encararam com os semblantes severos e suas mãos largas e nodosas enroladas ao redor dos joelhos. Petra se perguntou por um instante se eles eram semteto, e então decidiu que não. Duendes eram excepcionalmente engenhosos e autoconfiantes. Uma rápida olhada pelo beco lhe revelava a verdade: ali perto estava a entrada de serviço da Fundições Wravenbrick, desta forma aqueles duendes eram provavelmente os ferreiros, descansando após o árduo dia de trabalho. Teria parecido singular se não fosse pelos desconcertantes olhares de seus olhos diminutos enquanto a fitavam.

— Tudo bem, então — disse ela, começando a contornar o grupo. — Vejo que já estou bem perto da rua. Vou me guiar sozinha mesmo.

Foram apenas alguns segundos antes que Petra percebesse que um dos duendes estava falando. Sua voz era profunda e serena, ameaçadora, mas estranhamente educada.

— Será possível, companheiros, que a jovem bruxa não sabe que está violando propriedade duende?

Petra parou com o som, seu sangue congelando.

Outro duende falou sem tirar os olhos dela.

— Parece que sim, hã! E ela o faz de maneira ousada, sem respeito algum pelos costumes ou responsabilidades. Devemos esclarecê-la?

— Sinto muito — disse Petra, mantendo sua voz calma. — Pensei que este fosse um beco público. Não queria violá-lo.

— Negligenciou a placa — disse um terceiro duende suavemente, sem falar diretamente a Petra apesar de seu olhar hostil. — Desconhece a lei. Esperando indulgência, sem dúvida. Não é isso típico das bruxas?

Petra estava encurralada contra a fria parede de tijolos pelos três duendes. Acelerou o pensamento, lembrando-se que tinha sua varinha no bolso da túnica. Ela decidiu não retirá-la, temendo que aquilo só fosse piorar ainda mais a situação. Os duendes começaram a cercá-la, rodeando-a.

— Qual é, hum, a lei? — perguntou ela, e seus dentes começaram tremer com o frio. — Não espero clemência alguma de vocês. Eu não sabia. Ficarei feliz em, hum...

— Ela deve pagar um tributo — disse o primeiro duende, seus olhos negros faiscando parcamente à luz da fogueira mágica.

Petra tateou seus bolsos.

— Não tenho muito. Acho que apenas meia dúzia de galeões.

— Nada de dinheiro bruxo, minha filha — bramiu o segundo duende em sua voz baixa. — Não estamos no Gringotes. Sua moeda não tem valor algum para nós.

Um dos duendes se aproximou, levantando suas sobrancelhas espessas.

— Ela está usando propriedade de duende por cima de suas vestes, meus companheiros — disse ele, ficando animado pela primeira vez. — Lágrimas lunares e uma voluta de ouro maciço.

Ali, abaixo do ombro.

O primeiro duende olhou e assentiu lentamente com a cabeça.

— Sim, isto bastará. Se a honrada bruxa será tão gentil... — o duende estendeu sua mão calejada para Petra.

— Não — disse Petra tão imparcialmente quanto pôde. — Não é meu para lhe entregar. Pertencia ao meu pai. Não posso...

— Não é seu, de maneira alguma, minha filha — disse o duende calmamente, aproximando-se ainda mais.

— Isto pertence à Duendidade. Você não ousaria insinuar que não é obra nossa.

— Não — gaguejou Petra. — Não estou dizendo isto. É só que...

— Ela nos insulta, companheiros! — disse o terceiro duende, seus olhos se iluminado horrivelmente. — Ela pretende nos desrespeitar e reter nosso tributo e, além disso, a nossa propriedade.

Petra se espremeu contra a parede.

— Não, é que... deve haver alguma outra coisa!

— Não estamos fazendo um pedido, minha cara — retrucou o primeiro duende, aumentando a voz. — Nos entregue o tributo, para que não o tomemos à força. A magia bruxa não é párea perante a lei duende. Ou você preferiria aprender a verdade da maneira mais difícil?

O duende se aproximou, suas mãos ásperas lançavam sombras sobre o broche na capa de Petra. Ela se encolheu, pressionando-se contra os frios tijolos atrás, mas não havia saída dali. Rapidamente, de uma maneira quase delicada, o duende arrancou o broche da capa. E, então, imediatamente se afastou, ignorando-a e estudando o broche à luz da fogueira. Petra desmoronava contra a parede.

— O que vocês vão fazer com ele? — perguntou ela, de maneira vazia.

— Ela ainda está aqui — disse um dos duendes.

— Ela partirá em breve, companheiros — replicou um outro duende, retornando para a fogueira mágica.

Petra juntou forças, levantando-se ereta e erguendo um pouco a voz.

— Eu perguntei o que vocês vão fazer com o broche!

— Não é da sua conta, bruxa — declarou o primeiro duende sem se virar. — Isto é propriedade dos duendes. Suas mãos rudes já o manusearam por muito tempo. E nunca foi seu, para início de conversa.

— Meu pai trabalhou muito duro para pagar por este broche — disse Petra, tomando coragem. — Ele o comprou honestamente. Não ousem dizer que ele o roubou.

O primeiro duende a fitou por sobre o ombro corcunda, claramente irritado.

— Vocês humanos e sua trapaça de “pagamento”. Se o seu pai inútil de fato possuiu este objeto, então ele é um ladrão e um mentiroso. Isto nunca pertenceu a ele, e levará provavelmente um ano para limparmos o seu toque imundo. Agora vá antes que fiquemos com raiva, bruxa, e alegre-se de que seu descaminho esta noite tenha devolvido esse objeto para seus legítimos proprietários.

— Este broche pertenceu ao meu pai — declarou Petra, retirando sua varinha.

O duende se virou mais uma vez, vagarosamente, estudando Petra com seu olhinho negro brilhante.

— Devo entender então que seu pai está morto, cara bruxa?

Petra sentiu como se um bloco descesse por sua garganta. Ela o engoliu, e seus olhos reluziram de repente com lágrimas. Ela não conseguia falar. Em vez disso, hesitantemente, ela assentiu.

O duende a estudou por um tempo mais longo,

seu olhar ilegível. Finalmente, ele se afastou de novo.

— É uma boa notícia, companheiros — disse ele, ignorando Petra. — O ladrão asqueroso está morto. Seu fôlego está frio. Levará apenas a metade do tempo para purificar a peça de seu toque sujo.

Petra levantou a varinha, olhando sua extensão através de um borrão de suas lágrimas.

Com um pensamento, a fogueira duende se extinguiu. A escuridão caiu no beco como um véu.

— Isto foi um erro, minha filha — rosnou o primeiro duende na súbita penumbra.

— Não sou sua filha — soltou Petra, falando com voz apática e fria.

Havia barulhos ali. Na escuridão impenetrável se produziram guinchos, cortados por horríveis e ruidosas pancadas. Os sons se misturaram com o rugido de um gélido e repentino vento que perpassava o beco, elevando neve e uivando pelos canos de drenagem. O vento durou menos de quinze segundos.

Perto da entrada do beco, de onde o vento fluía na rua principal, um jovem homem deteve-se. Ele escutou os gritos ecoantes e as pancadas de doer os ossos, com os olhos arregalando. Ele apanhou sua varinha e adentrou o beco com o coração saltando na garganta.

— Petra! — gritou ele, detendo-se na escuridão. — Petra é você? Eu estava tentando encontrá-la! Você está bem?

Uma forma surgiu das profundezas escuras do beco, andando vagarosamente na neve divagante levantada pelo vento. O jovem observava, levantando sua varinha lentamente enquanto a figura se aproximava. Algo parecia brilhar na escuridão; um tipo de lampejo perolado emanando da capa da figura.

— Petra? — disse o homem, confuso e angustiado.

— Teddy — disse a figura, finalmente saindo para

a luz amarela do poste mais próximo. — Como sempre, na hora certa.

— Petra — suspirou Ted, aliviado, movendo-se para colocar seu braço ao redor da garota. — Você está bem? Eu a vi passar em frente à loja há pouco. Eu vim procurá-la assim que pude. O que estava fazendo nesse beco?

Petra balançou a cabeça levemente, e seus olhos estavam estranhamente inexpressivos.

— Só dando uma volta.

— Este com certeza não é um bom lugar para dar uma volta, Petra — replicou Ted, conduzindo-a para fora do beco. — Ainda mais à noite. Você encontrou alguém aí dentro?

— Vamos indo, Teddy. Estou com frio — contestou Petra, ignorando a pergunta. Ela caminhou ao lado dele, deixando os braços do garoto ao seu redor, mas mal os sentindo. — Com muito frio, Teddy. Tanto frio que estou quase congelando.

Não posso contar tudo agora — disse Petra, olhando desconsolada para a fogueira. — Talvez conte em breve, mas agora é uma história muito longa. No momento, acho que é o suficiente falar a você a respeito da caixa do Ministério. Os pertences do meu pai.

Ela e Ted estavam sentados juntos em um jogo de cadeira de encosto alto perto da lareira na parte de trás do Três Vassouras. Ali perto, uma rala árvore de Natal piscava com velas vivas, suas chamas tremeluziam alegremente em qualquer cor possível. Já era tarde, e o bar estava quase vazio. O elfo, Thrimple, movia-se por entre as mesas manipulando magicamente uma enorme vassoura e uma pá de lixo com gestos hábeis de seus dedos.

— Você contou isto ao Noé, não contou? — disse Ted, olhando para a lareira através de sua caneca quase vazia de cerveja amanteigada.

— Por favor, não fique com ciúmes agora, Teddy — suspirou Petra, sorrindo um pouco. — Eu e o Noé somos apenas amigos, ao menos por enquanto. Além disso, você tem a Vitória. E pelo que todos dizem, vocês formam um belo casal.

Ted assentiu enigmaticamente, pressionando os lábios.

— Então você ainda não contou ao Noé o resto, certo?

— Não contei a ninguém. Não é bom esse tipo de segredo.

— Mas está preocupando você — cortou Ted. — E até amedrontando.

Petra balançou a cabeça levemente.

— Eu nunca conheci nenhum dos meus pais, Teddy. Eles se foram da minha vida. Por que agora? Por que eu deveria me preocupar tanto assim? Como você pode ter saudades de alguém que nunca sequer conheceu?

Ted não respondeu. Por um momento, eles simplesmente ficaram sentados, olhando fixamente a fogueira crepitante enquanto ela se consumia na lareira. Finalmente, Ted falou.

— Eu não acho que é preciso ter vivido com seus pais para conhecê-los. Acho que os conhece pelo vazio que a ausência deles deixa em você. Você os conhece pela forma do vazio onde eles deviam ter estado. Pelo menos é assim que penso.

Petra assentiu.

— Tudo que sei é que preciso deles. Preciso que eles me digam o que fazer. Estou tão confusa.

— Você acha que eles saberiam o que fazer? — perguntou Ted.

Petra pensou por um momento, e depois encolheu os ombros.

— Quanto mais velho fico, — continuou Ted —

mais começo a compreender o pouco que alguém realmente sabe. Cresci pensando que minha avó sabia absolutamente tudo. E então, alguns anos atrás, fiquei sabendo que ela obtém todas as suas informações e visão de mundo d'O Pasquim. Quero dizer, não tenho nada contra O Pasquim, mas dai considerar uma fonte de opinião sólida e reportagem imparcial é que aquilo não é. Eu amo minha avó, mas foi ali que entendi, por mais chocante que fosse, que ela só está levando e sendo levada pela vida, vivendo-a mais ou menos como pode, assim como todos nós. Averiguar aquilo foi um pouco assustador, mas por outro lado, também foi um pouco reconfortante. Significa que sou tão capaz de ganhar a vida quanto ela.

Petra olhou de lado para Ted.

— Então o que a sua avó significa pra você agora?

Ted forçou um riso.

— Ela significa o mesmo que significou sempre. Significa que sempre haverá alguém para dizer que me ama e que tudo vai ficar bem. Acho que é pra isso que as pessoas que nos amam estão aqui. Elas podem não saber do que estão falando, e podem estar completamente erradas, mas isto não quer dizer que não precisamos ouvi-las na maioria dos casos.

— Isto não é muito reconfortante — alegou Petra secamente, virando-se para a lareira.

— É porque você só vê o lado ruim das coisas — disse Ted, confiante. — Você racionaliza muito. Seu problema é que você é esperta demais, Petra. Você pensa demais.

— Melhor do que o oposto.

— Au contraire — sorriu Ted. — Às vezes temos tanta certeza daquilo que esperamos que nos enganamos com aquilo que vemos, mesmo se não for verdade, mesmo se for uma mera bobagem. Você não sente saudade dos seus pais porque precisa de um mapa

que lhe diga aonde ir na vida, Petra. Você sente saudade dos seus pais porque você precisa de alguém para ficar ao seu lado e lhe dizer que não importa aonde o mapa a leve, que com certeza será sempre para uma grande aventura por que eles estarão lá com você, e que a amarão a cada passo do caminho.

Petra olhava de soslaio para Ted, sem sorrir.

— O que faz de você um especialista, hein?

Ted deu de ombros.

— Idade, experiência e quatro cervejas amanteigadas. Mais um uísque de fogo e eu me graduo de uma vez como super-gênio.

Petra não conseguiu evitar sorrir um pouco.

— Vê? — disse Ted, cutucando-a no ombro. — Eu a fiz rir. É nisso que as pessoas que a amam são boas. Fazemos rir não importa quão tristes as coisas estão.

Petra assentiu e suspirou.

— A propósito, eu gosto do seu cabelo comprido.

— Ah, é, eu tenho experimentado estilos diferentes ultimamente — replicou Ted despreocupadamente. — Tentei um corte militar curto — e enquanto ele falava, seu cabelo se contraiu de repente a um corte militar, parecendo notavelmente com aquele professor de aparência esportiva de Defesa Contra as Artes das Trevas de Petra, Quêndrico Debellows. — Eu tentei também um longo penteado roqueiro. — Ted prosseguiu, e agora seu cabelo se retraiu e nasceu de novo na cabeça, caindo liso como uma cortina negra por sobre os ombros. — E até tentei o estilo especial do Jorge Weasley — finalizou ele, e seu cabelo se tornou selvagem subitamente da cor de um vermelho flamejante. Petra levava suas mãos à boca e gargalhava vividamente.

— Seu rosto mudou um pouco também — falou ela ofegando. — Você ficou parecido com o Jorge por um segundo.

— É um pouco difícil de controlar — admitiu Ted, pondo-se de pé. — Fazia anos que não usava minhas habilidades metamorfomagas. Ainda estou lembrando como usá-las adequadamente.

Petra se afundou em sua cadeira, observando Ted pegar seu casaco do gancho próximo à lareira.

— Você já está indo.

— Sim — assentiu o garoto. — Jorge me mandou abrir a loja de manhã. Aquele cara não tem nenhuma consideração pelo fato de eu não ser uma pessoa matinal.

Petra ainda sorria enquanto Ted estava pondo o casaco.

— Obrigado, Teddy. Foi uma boa conversa.

— Conversar é o que eu faço de melhor — replicou Ted. — Me desculpe por não dar nada de Natal.

— Não me ressentirei quanto a isso dessa vez.

Ted se virou em direção à porta, e então parou. Meio que sorrindo, ele se virou de volta para Petra e se inclinou para ela.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou ele conspiratoriamente. — É tudo uma grande aventura. E as pessoas que a amam... pessoas como eu... estarão lá na jornada, a cada passo de seu caminho.

Petra sorriu, e aquele era um sorriso genuíno. Ted também sorriu para ela. Houve um longo e quase incômodo momento no qual eles se entreolharam, e então, finalmente, Ted baixou os olhos.

— Boa noite, Petra — disse ele. — Feliz Natal.

— Feliz Natal, Teddy — ela respondeu.

Ele se dirigiu à porta, movendo-se cautelosamente por entre mesas e pisando na pá flutuante de Thrimple. Uma lufada de ar frio o silvo de vento hibernal atravessaram o aposento e, então, o garoto se foi.

Petra olhou para o fogo.

Depois de um minuto, ela se debruçou, pegou sua capa no colo, e encontrou o broche de opala preso ali. Ela o retirou cuidadosamente da capa e o pôs nas mãos.

— Ah, papai — sussurrou ela. — Me diga que tudo vai ficar bem. Diga-me que você me ama e que estará comigo por todo o caminho.

Como acontecera antes, segurar a opala em sua mão invocou a imagem de seu pai em sua mente. Ela o viu comprando o broche do, de certa forma, odioso Sr. Icabô, observou-o carregando o broche na loja, e depois saindo para a rua com ele, onde uma leve nevasca caia. Ele estava feliz. Ele acabara de fazer algo maravilhoso para alguém que amava.

Petra de repente parou, a respiração presa no peito. Seus dedos se enrolaram suavemente ao redor do broche de opala, confinando-o. Ela poderia estar errada? Seria possível? Às vezes temos tanta certeza daquilo que esperamos, dissera Teddy alguns momentos atrás, que nos enganamos com aquilo que vemos, mesmo se não for verdade...

Na visão de sua mente, o seu pai caminhava com felicidade pelas pedras arredondadas cobertas de neve, movendo-se por entre a multidão de compradores, assoviando alegremente. E então, branda e lentamente, ele começou a cantar de forma desafinada:

Oh, eu tenho uma garota, uma bela garota, a garota mais doce que jamais existiu

E para essa doce garota, de cabelos negros e lustrosos, diamante e chá meu coração adquiriu,

Então dançaremos, nós dois, num grande arabesco, banhados pela flamejante luz rubra do luar,

E felizes seremos, minha princesa e eu, como o prato que com a colher se pôs a escapar, Como o prato que com a colher se pôs a escapar…

Petra pestanejou, escutando com os ouvidos de sua mente. Seu pai, de fato, não havia comprado o

broche para sua esposa. Ele havia comprado para o bebê que crescia no ventre de sua mulher. Era claro, ele não podia ter certeza de que seria uma menina, mas sabia mesmo assim, ou esperava isso com tanta veemência que, para ele, aquilo era tão bom quanto saber. Ele queria comprar para sua filha relíquia de família, uma herança. Ele a amara até mesmo ali, antes mesmo de ela nascer, antes mesmo de tê-la conhecido. Ela a havia conhecido simplesmente através da forma da esperança que estava em seu coração.

Feliz Natal, Petra, minha querida, minha princesinha... Feliz Natal...

Petra sentou no bar deserto e chorou por seu pai perdido. Mas ela também sorriu, apesar das lágrimas que caiam. Ainda segurava o broche, seu presente de Natal. Ela o segurou com mais força, embalando-o à luz da fogueira, como se ela fosse um bebê amparado em braços tranqüilizantes e fortes, embalando... embalando...

FIM

Formatação/Conversão ePub por:
Reliquia

Tradução para o português de:

JPIX | Brazilian Division

Composta por:
. mafia dos livros . - Brasil
LLL - Hispanoamérica e Espanha

[1] No inglês “potter”, o que significa “oleiro”. Na sentença, verifica-se um trocadilho entre o sobrenome e o significado comum da palavra.